

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

JOSÉ TIAGO FERREIRA BELO

REPRESENTAÇÕES SURDAS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS NO FACEBOOK

São Leopoldo

2016

JOSÉ TIAGO FERREIRA BELO

REPRESENTAÇÕES SURDAS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS NO FACEBOOK

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Maura Corcini Lopes

São Leopoldo

2016

JOSÉ TIAGO FERREIRA BELO

REPRESENTAÇÕES SURDAS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS NO FACEBOOK

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Profa. Dra. Maura Corcini Lopes

Aprovada em 21 de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana da Silva Thoma – UFRGS

Profa. Dra. Elí Terezinha Henn Fabris – UNISINOS

Profa. Dra. Maura Corcini Lopes (orientadora) – UNISINOS

Dedico esta Dissertação de Mestrado aos meus queridos e amados pais José Belo e Conceição Ferreira e a minha irmã Thamires Ferreira.

A todos da Comunidade Surda Brasileira, cuja língua e cultura próprias fizeram, fazem e farão parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Dedico especial agradecimento à minha orientadora Profa. Dra. Maura Corcini Lopes, pelo apoio, pelo carinho, pela simpatia de sempre, pela compreensão, pela confiança, pelas preocupações, pela amizade, pela sua postura humilde, respeitosa e sempre desafiadora, uma presença marcante em minha vida acadêmica e profissional. Antes mesmo de ingressar no Mestrado, foi aquele seu primeiro olhar atento que colaborou para que eu possa ser o seu orientando. Expresso aqui o meu reconhecimento pela sua competência profissional e pela forma humana como conduziu minha orientação. E, se hoje eu sou o seu primeiro orientado Surdo e segundo aluno Surdo a concluir o Mestrado em Educação da Unisinos, é graças ao seu incentivo. A você Maura, eu tiro o meu chapéu. Toda a minha gratidão, carinho e admiração eternamente.

A Deus, agradeço o dom da vida e da inteligência, por me dar força, coragem e determinação para capacitar-me do início ao fim do Mestrado. Foi mais uma conquista que aumentou, ainda mais, minha paixão por viver.

Aos meus pais José Belo e Conceição Ferreira, que me viram lutando incansavelmente e lutaram juntos, tornando-me uma pessoa valente, para enfrentar o mundo mesmo sabendo das minhas dificuldades, sempre preocupados com minha ausência e minha distância. Ao mesmo tempo, sinto-me feliz e realizado; sei do orgulho que sentem de mim e me sinto feliz por dar mais um motivo de orgulho. Só posso desejar que tenham amor, fé e saúde. Não há palavras para descrever o quanto eu os amo e admiro muito. Pais, sou eternamente grato por ter nascido em um berço de amor.

Em especial ao meu pai José Belo por todo esforço e sacrifício, trocando a vida em risco pra me ajudar e me ver como Mestre. Obrigado por tudo, pai.

À minha irmã Thamires Ferreira, e ao meu cunhado Anderson Marcos, que acreditaram em mim, sempre me apoiaram e hoje se tornam parte desta etapa da minha vida de forma inesquecível.

À minha família, Ferreira e Belo, principalmente à minha tia Leda, carinhosamente “Tia Bolinha”, que sempre me desejou sorte e foi testemunha do meu sucesso.

Aos meus amigos que considero como meus pais de coração Herbert Rêgo e Karla Abrantes, gratidão pelo incentivo, pelo apoio, atenção e determinação. Sei que vocês fizeram muito por mim e por isso cheguei onde cheguei hoje a vocês meu muito obrigado por tudo.

À Marcilene e Arnaldo por todos carinho e torcida que sempre confiou no meu sucesso.

Ao meu amigo e companheiro de todas as horas Gustavo Lopes, gratidão por tudo pela sua ajuda, pela sua atenção, pela paciência, pelo auxílio da tradução do meu trabalho, mesmo distante e incansável com a minha pessoa, ao mesmo tempo quero agradecer por ter deixado o seu tempo de lado para me ajudar nessa caminhada. Gustavo, acredite que sou muito grato a Deus por ter você em minha vida.

Aos amigos, aos mestres, e à família EDAC, obrigado pelo incentivo, desde os tempos que comecei a estudar na EDAC até a entrada no Mestrado. Assim como estou feliz, sei que vocês estão na torcida pelo meu sucesso. Hoje me torno o primeiro Surdo Mestre da Comunidade Surda de Campina Grande e, sem sobra de dúvidas, sei que vocês estão orgulhosos da minha pessoa.

Aos amigos Girlaine Felisberto, Pedro Henrique, Germana Silva, Aline Risseli, Jéssica Oliveira, Djailton Souza, Christianne Ferreira.

Aos amigos gaúchos Patrícia Rodrigues, Vanessa Pedroso, Vinicius Aguiar, Silvana Lopes, Nelson Goettert, Carol Sperb, Eduardo Brasil, Maicon Silva, Glaucia Assis, Cibele Ferreira, Max Lacerta, David Silva, Isadora França, Fernando Vinícius e aos demais amigos pelos momentos de diversões, pelas festas que curtimos juntos; sem eles, o caminho seria mais difícil.

Aos amigos Nelson Goettert e Cibele Ferreira pela calorosa acolhida, por me receberem sempre de braços abertos em suas casas durante o período do Mestrado. Obrigado por cada momento que compartilhamos juntos e, de coração, não sei mais o que dizer... Obrigado por tudo!

Ao Gabriel Bartz, obrigado pelo apoio da tradução, das dúvidas que eu tinha, da dificuldade da leitura, dos significados; obrigado pelo companheiríssimo.

Agradeço aos meus ex-alunos e aos professores da Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo Pe. Edwards Caldas Lins e família que fazem parte da EMSGB: Socorro Leal, Ana Maria, Dorgivânia Gomes, Ernestina Santana, Dona Zefinha, Inácio e Seu Antônio, pelas amizades, pela paciência em me ter ausente, por terem permitido que eu fosse fazer o Mestrado no Rio Grande do Sul.

Aos intérpretes contratados pela Unisinos Celeste Ritt, Queltin Ester, Adriana Arioli, Angela Russo, Luiz Daniel, Ju Beppler, Juliana Neves, Vanize Flores, Maysa Velasco e aos demais intérpretes, meu respeito e admiração. Em especial à Quetlin Ester, Ju Beppler, Vanize Flores e Maysa Velasco pelo convívio ao longo do Mestrado.

Agradeço ao CES/UFCG e a todos os colegas de trabalhos em especial à Lilia Venâncio, ao meu Coordenador Pedro Segundo, à Profa. Carolina Linheira e ao Cesar Caetano, por substituírem o meu lugar como professores de Libras no período de meu afastamento para o Mestrado.

Ao meus alunos da UFCG pela compreensão com a minha ausência durante o meu afastamento para o Mestrado e gratidão pela torcida que sempre me desejou muito sucesso.

Ao colega Pedro Witchs, pelo apoio em diferentes momentos, mas principalmente pelas contribuições nas discussões do meu Mestrado, pela tradução do português, pela sua amizade, além de também pela sua interpretação em auxílio durante as reuniões e orientações coletivas do Mestrado. Assim, meu discurso não estava só nas aulas e podíamos colaborar um com o outro, ao longo da trajetória. Minha gratidão eterna.

Agradeço imensamente pelo esforço, pela paciência e pelo interesse de todos que desempenham atividades na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, sempre dispostos a sanar as dúvidas e a conhecer um pouco mais acerca da língua de sinais. Em especial à Caroline, Loinir Nicolai, Priscila Ebling e Chris.

Agradeço aos professores e aos ex-colegas da Unisinos, pelo respeito e pelo interesse no trabalho conjunto. As trocas estabelecidas foram importantes neste caminho e, sem as discussões, seria mais difícil compreender as análises.

Agradeço muito às professoras Elí Fabris e Adriana Thoma por terem aceitado compor a comissão examinadora de projeto de dissertação e também da dissertação de mestrado, com certeza as ricas sugestões de cada uma, somadas foi fundamental e contribuíram bastante para o meu trabalho.

“LIBRAS, língua tão rica, cujas expressões são lindamente e apaixonadamente demonstradas pelos olhos e pelas mãos... LIBRAS Língua Brasileira de Sinais, própria de uma minoria linguística que brilha constantemente como diamante na Comunidade Surda”.

(Carolina Sperb, 2012, p. 9)

RESUMO

A presente Dissertação apresenta uma análise de representações que os surdos fazem sobre a língua de sinais a partir da rede social Facebook. Para tanto, foram tomadas como base as reflexões de Stuart Hall, sobretudo as relacionadas à constituição das culturas e à representação. A partir dessas reflexões, o conceito de representação foi utilizado como uma ferramenta teórico-metodológica. Desta forma, foram analisadas publicações em grupos e páginas do Facebook com grande concentração de surdos. Essas publicações realizadas por surdos se apresentam em forma de postagens ou comentários, em língua brasileira de sinais ou em português escrito, contendo depoimentos públicos de surdos usuários do Facebook. Com base nas análises do material, constituído por vídeos, textos e imagens compartilhadas no Facebook, percebeu-se que a importância atribuída à língua de sinais pelos surdos vem sendo representada como um ícone de uma *comunidade visual*; como sinônimo de *identidade Surda*; como *língua surda própria*; como instrumento de *acessibilidade*; como *língua brasileira*; e como possibilidade de *empoderamento surdo*. Os surdos ainda têm gerado mais contato entre eles a partir do uso do Facebook, se esforçam na busca de mais tecnologias nessa rede social, a partir do uso de mídias audiovisuais em que seja possível registrar a língua de sinais, como também por meio de aplicativos on-line de conversação dentro do Facebook.

Palavras-chave: Língua de sinais. Educação de surdos. Cultura surda. Representação. Facebook.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of representations that the deaf do on the sign language from the social network Facebook. For that, the reflections of Stuart Hall, mainly those related to the constitution of the cultures and the representation, were taken as base. From these reflections, the concept of representation was used as a theoretical-methodological tool. In this way, publications were analyzed in groups and Facebook pages with a high concentration of deaf people. These publications by the deaf appear in the form of posts or comments, in Brazilian sign language or in written Portuguese, containing public testimonies of deaf Facebook users. Based on the analysis of the material, made up of videos, texts and images shared on Facebook, it was noticed that the importance given to sign language by deaf people has been represented as an icon of a visual community; As a synonym for Deaf identity; As a deaf tongue itself; As an instrument of accessibility; As a Brazilian language; And as a possibility of deaf empowerment. The deaf have still generated more contact between them from the use of Facebook, strive to find more technologies in this social network, from the use of audiovisual media in which it is possible to register the sign language, as well as through applications Online conversation within Facebook.

Keywords: Sign Language. Deaf Education. Deaf culture. Representation. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Facebook	45
Figura 2: Grupo no Facebook	48
Figura 3: Descrição de um grupo no Facebook	48
Figura 4: Vídeo do grupo no Facebook.....	50
Figura 5: Vídeo do grupo no Facebook.....	52
Figura 6: Vídeo do grupo no Facebook.....	53
Figura 7: Vídeo do grupo no Facebook.....	54
Figura 8: Vídeo do grupo no Facebook.....	56
Figura 9: Grupo no Facebook_#SLibras	57
Figura 10: Publicação da fanpage no Facebook	57
Figura 11: Grupos de Facebook – Surdez e Política.....	58
Figura 12: Visual da fanpage Comunidade Surda	59
Figura 13: O mundo Deaf	59
Figura 14: Usuário da comunicação em Libras	60
Figura 15: Criança surda.....	61
Figura 16: Comunicar Língua de Sinais.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Contexto dos sites	46
Quadro 2: Facebook.....	47
Quadro 3: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras	51
Quadro 4: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras	52
Quadro 5: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras	53
Quadro 6: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras	55

LISTA DE SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
CAP	Colégio de Aplicação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CES	Centro de Educação e Saúde
EDAC	Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima
EMSGB	Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo
FENEIDA	Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo
IC	Implante Coclear
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
MEC	Ministério da Educação
PROEX	Programa de Excelência Acadêmica
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 SOBRE UMA DISSERTAÇÃO SURDA	15
2 LÍNGUA DE SINAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS	24
3 SURDOS E REPRESENTAÇÕES	37
4 O FACEBOOK COMO ESPAÇO VIRTUAL DE ENCONTRO SURDO	43
5 LÍNGUA DE SINAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO FACEBOOK	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	64

1 SOBRE UMA DISSERTAÇÃO SURDA

Língua de fronteira, assim denomino [...] o português, língua escrita que tramita ao meu lado. Não posso dizer que é minha outra língua, pois minha língua é em signos visuais. E desta língua oral utilizo a leitura e a escrita. Mas as utilizo numa forma não tão expressiva de modo a que me fuja a política da palavra quando ela está numa dimensão auditiva. (PERLIN, 2003, p. 16, nota de rodapé n. 2).

Importa primeiro registrar que este texto ora sofreu modificações, correções e sugestões de amigos intérpretes, colegas do grupo de orientação e de minha própria orientadora, ora manteram-se, nele, minhas escritas limitadas ao que conheço e domino do português, minha *língua de fronteira*. Gladis Perlin (2003), a primeira surda brasileira a se tornar doutora em educação, introduz sua Tese de Doutorado explicando que seu texto apresenta marcas de sua constituição como surda, traços que evidenciam elementos de sua cultura. A autora argumenta que não domina a escrita da língua portuguesa, pois a língua a partir da qual ela está familiarizada a se expressar é a de sinais. Ela sugere, portanto, que sua escrita acontece em uma língua que ela denomina *de fronteira*. Assim como a autora, quero dar início a esta Dissertação de Mestrado, justificando que ela tem características próprias das condições de minha formação como sujeito surdo, ela é uma *Dissertação Surda*. Minha escrita tem particularidades, e neste texto isso não seria diferente. Sei que muitos outros surdos se tornaram mestres e doutores após Perlin (2003) e antes de mim. Quero, apesar disso, destacar que minha Dissertação é uma entre tantas outras que já foram escritas por surdos e, por isso, reserva algumas semelhanças em sua constituição, mas também apresenta suas diferenças decorrentes de minha singularidade e de minha trajetória individual ao longo da escrita.

Venho de família ouvinte¹, e nunca tive contato com a língua de sinais antes dos 6 anos de idade, quando perdi a audição — ou seria quando *ganhei a surdez*²? Na metade de meu primeiro ano em uma escola regular, já na condição de surdo, fui transferido para uma escola de surdos, na qual cursei todo o Ensino Fundamental e Médio. Nessa escola, passei a ter contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e tive a possibilidade de me desenvolver através da relação com outros surdos sinalizantes. A língua de sinais foi, nesse período inteiro, minha língua de instrução — a língua na qual fui instruído — e

¹ Desde uma perspectiva surda, o outro do surdo é o ouvinte, aquele que ouve, que tem o sentido da audição.

² Jogo de linguagem utilizado pela professora surda Melody Bledsoe, personagem interpretada pela atriz surda estadunidense Marlee Matlin em *Switched at Birth* (2011), série veiculada pela emissora de televisão americana *ABC Family*.

passou a ser minha primeira língua. Primeira língua, é preciso esclarecer, não no sentido de ter sido a primeira que adquiri e passei a usar, mas no sentido de ela ter se tornado a língua com a qual me sinto mais a vontade, com a qual mais me identifico, na qual tenho mais fluência e trânsito.

A partir do uso que faço dessa língua, que me leva a pensar e a experienciar o mundo de outras formas, deixo de ser apenas alguém sem audição e passo a me entender como um *sujeito surdo*. O sujeito surdo toma a língua de sinais como sua própria língua, como a língua de sua comunidade. Quadros e Karnopp (2004), baseadas nas pesquisas do linguista estadunidense William Stokoe e seus colaboradores, na década de 1960, observam que a língua de sinais possui *status* de língua por ter estruturas lexicais, sintaxes e organização para criar sentenças ilimitadas. O que chama atenção no que escrevem as autoras, é o fato de a língua de sinais ser posicionada como um “sistema com fim social e que permite a comunicação entre seus usuários”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30). Quando um surdo tem contato com a língua de sinais, suas potencialidades são ampliadas e seus estigmas sociais e familiares passam a ter a possibilidade de serem mudados.

O reconhecimento da Libras, em 2002, como uma língua brasileira possibilitou inúmeras contribuições para a qualificação da educação de surdos no país a partir da proliferação de estudos sobre essa língua, bem como com a criação, em 2006, da primeira graduação em Letras com habilitação em Libras e Língua Portuguesa, o curso Letras/Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ingressei, em 2008, em minha vida acadêmica a partir da realização da Licenciatura em Letras/Libras no Polo da UFSC em Natal, no Rio Grande do Norte. Durante minha graduação, tive a oportunidade de conhecer aspectos linguísticos da língua de sinais, bem como instrumentar-me em relação ao ensino dessa língua para surdos e para ouvintes.

Através da minha própria vivência como professor de Libras, após a graduação, percebo que muitos surdos vivem isolados, sem contato com a língua de sinais. Enquanto trabalhava na escola de surdos no município de Gado Bravo, na Paraíba, e a partir de minha participação na comunidade surda de minha cidade, Campina Grande, e das cidades de Aroeiras e Sumé, ou em pastorais, associações e palestras, assim como também durante as viagens que já fiz pelo Brasil, observo que muitos surdos desconhecem a Libras. Ao encontrarem com surdos sinalizantes, eles sentem que há um mundo novo a ser descoberto e pensam que isso será possível se aprenderem a língua de sinais.

Em virtude desses fenômenos, não pretendi investigar, na pesquisa que aqui apresento, a língua de sinais em si. Minha intenção foi entender as representações dessa língua entre os surdos e suas vertentes no âmbito atual. Para tanto, escolhi o Facebook para extrair dele as representações sobre a língua de sinais. Mais adiante justifico melhor minha escolha. Sendo assim, esta Dissertação tem como objetivo principal:

Analisar como a língua de sinais é representada pelos surdos no Facebook.

Para tanto, tomei como base as reflexões do intelectual contemporâneo Stuart Hall, que construiu concepções significativas a respeito de assuntos que julgo ser de grande importância para este trabalho, entre eles a noção de centralidade da cultura, de representação e de identidade cultural. Hall nos fornece elementos para problematizarmos as relações e os processos de atribuição de sentidos às coisas, às pessoas e para entendermos as relações que são estabelecidas no âmbito da cultura, questionando processos de homogeneização cultural. Ao conceituar representação a partir da centralidade da cultura, o autor desenvolveu contribuições significativas para aqueles que discutem as identidades e tudo aquilo que, de formas distintas, as constituem. Em meu caso, nesta Dissertação, o conceito de representação de Hall tornou-se potente. Busquei, a partir desse conceito, a compreensão da representação da língua de sinais em meio aos surdos e suas tecnologias, visto que, no artigo *Centralidade da Cultura*, segundo o autor, as diversas tecnologias da informação possibilitam a interação entre culturas diferentes, e esse contato viabiliza uma troca cultural, onde uma cultura aprende com a outra e suas diferenças ao pouco podem vir a se fundir, formando uma nova e cultura e novas formas de vida. (HALL, 1997).

Este pensamento de Hall norteia a pesquisa no que diz respeito à interação da cultura dos surdos em redes sociais e essa interação a mantém viva e ativa. A partir dessas redes sociais é possível observar a função e a representação da língua de sinais. Na intenção de alcançar meu objetivo, fez-se necessário entender o que vem a ser a *cultura surda*. Percebo que mesmo com pesquisas já realizadas no campo da Educação e da Linguística, bem como com os ganhos políticos já obtidos pela comunidade surda, ainda se sabe muito pouco sobre a diferença e a cultura surda. Os surdos ainda são representados como *surdos-mudos*, *surdinhos*, *deficientes* etc.; representações que dificultam ou servem como estratégia política para a definição de uma forma de ser particular e bastante pautada pela falta.

A concepção de cultura surda se baseia, como diz Strobel (2008), na percepção, visão que o surdo detém do mundo. Para isso, ele faz uso da língua, ideias, convicções, costumes e hábitos de seus pares, e isso contribui para a construção de sua identidade surda, que perpassa por suas percepções visuais de mundo, construídas em grupo de semelhantes. Identidade surda, que venho defender, vem ao encontro do que escreveu Perlin (2004, p.77-78):

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

A identidade surda está relacionada ao conceito e à vivência da cultura surda; a identidade está contida na cultura surda, pela qual o sujeito surdo torna-se em sintonia com seus pares. Mas a transmissão dessa cultura de um surdo a outro, como se faz? Como foi citado acima, em um exemplo dado por Strobel (2008), um sujeito surdo que não tem contato com outro surdo se isola; a cultura adquirida por ele é uma cultura que não contempla um tipo de diferença que constitui uma identidade surda “positiva”. Isolado, o indivíduo não vê o seu semelhante e não consegue marcar sua existência como surdo. Refiro-me a sua existência surda não como deficiente, mas como alguém que possui uma língua e uma cultura própria e que não precisa ser medicá-lo porque é surdo. Muitas vezes, esse surdo isolado da cultura surda é privado das condições necessárias para a construção de uma identidade surda, e vem a adquiri-la em uma idade avançada, quando se vê em contato com outros surdos. Aí entra a transmissão/construção “tardia” de cultura e identidade. Essa transmissão de valores da cultura surda dentro do povo surdo se passa do surdo mais experiente ao surdo mais novo ou ingressante na comunidade surda. Observo com isso, que temos, de geração em geração, conceitos, comportamentos, hábitos transmitidos aos surdos, isto também vem sendo articulado dentro das associações de surdos, um espaço no qual o surdo está em contato com outro surdo e pode adquirir novos hábitos, além de, por meio desse contato, desenvolver sua identidade.

Heloise Santi e Vilson Santi (2008) evidenciam que, para Hall, cultura vem a ser o compartilhamento de saberes e valores de um povo e que para esses conhecimentos serem

transmitidos pelos mesmos se faz necessário a mesma comunicação; neste caso, a língua vem a ter um grau de importância bem elevado. A língua tem uma função importante na comunidade, pois por meio dela sentidos podem ser construídos e repassados por meio de práticas sociais e educacionais para outros. Portanto, a língua de sinais, no caso dos surdos, é condição necessária e importante para que elos identitários se estabeleçam.

Os surdos, dentro de associações, festas, reuniões, escolas, estão ligados por uma língua, a língua de sinais. Esta por sua vez desempenha um papel primordial nessas relações, a comunicação que é muito importante não só para o surdo, mas em todas as relações sociais, estas cada vez mais amplas após o advento da internet. Não irei aqui me deter na problematização da internet, porém penso que não há como ignorar no presente a abertura do “mundo da comunicação” para os surdos, após a internet. Cada vez mais nós surdos temos amigos e participamos de redes sociais que nos desafiam, não só a escrever, mas também a sinalizar. Sinalizamos e divulgamos a língua de sinais e suas diferenças regionais são postas em circulação, enriquecendo ainda mais a comunicação entre surdos brasileiros.. Além de comunicar, a essa língua tem sido atribuído uma função muito importante na vida do sujeito surdo, pois é a própria condição de existência de nossa existência. Diante deste quadro, coloquei-me a questionar:

Como a Libras é representada pelos surdos no Facebook?

Para buscar possibilidades de respostas para essa pergunta que orienta minha pesquisa, fiz uso da abordagem de pesquisa qualitativa, a partir da qual analisei as representações de algumas lideranças surdas, participantes do movimento surdo, sobre a língua de sinais. Baseando-se nos estudos de Hall sobre representação, e possível entender que a linguagem que usamos para falar sobre as coisas, constitui as próprias coisas. A partir do que denomina-se “virada linguística”, os estudos culturais possibilitam compreender como aquilo que falamos, escrevemos, defendemos, etc. vão se tornando verdades ou vão constituindo representações sobre o que está sendo colocado, pautado, tematizado, etc. Nas palavras de Hall (1999, p. 10), “A “virada cultural” está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas.” SE a língua dá novos significados às coisas ela pode criar novos significados para práticas que já estavam aí. Por exemplo a comunicação entre surdos, durante muito tempo foi entendida

como gestos, hoje após o fortalecimento de representações culturais sobre os surdos, o que antes era gesto agora passou a ser língua, pois os surdos também passaram a ser considerados como diferentes e representantes de uma cultura específica que é mobilizada e mobiliza a construção dinâmica de uma língua específica— a língua de sinais.

Costa (2006) faz uma interpretação acerca da representação para Stuart Hall, a qual busco evidenciar em minha pesquisa. Para observar o sujeito surdo atuante em uma sociedade ouvinte, essa representação da língua de sinais que busquei analisar em minha pesquisa visa explorar seu papel atual na vida dos surdos em uma sociedade ouvinte e também como mobilizadora de sua cultura. Para tanto, devido a demora para iniciar minha pesquisa e a definir meu objeto de estudo, percebi que não teria condições de esperar a liberação do comitê de ética para a produção de dados com sujeitos surdos. Desta forma, optei por analisar depoimentos surdos públicos contidos em redes sociais na internet. Assim, como os dados são públicos, não foi necessária a autorização de cada um que se expõe para o uso analítico de suas enunciações.

Em diferentes sites em que há participação de surdos, há o compartilhamento de suas trajetórias de lutas e de suas iniciações no movimento surdo. Busquei em suas colocações enunciações capazes de me permitir problematizar as representações que estes fazem sobre a língua de sinais e sobre seu *status* no movimento surdo. A produção do material foi facilitada pois, como surdo, já possuo inserção no movimento e conheço os espaços virtuais onde surdos se manifestam. Detalho mais a produção dessas questões no capítulo 4, em suas falas para possíveis respostas às minhas indagações acerca dessa representação da língua de sinais. Procurei por redes sociais que operam na articulação da comunidade para captação deste material. Saliento que não intentei pesquisar a presença da tecnologia na difusão e facilitação da circulação da cultura e língua surdas, embora também sejam atravessamentos interessantes, mas me detenho nas representações que circulam nesse espaços onde surdos falam de si, reivindicam, festejam etc. Trabalharei um pouco mais sobre o material de pesquisa no capítulo 3 desta Dissertação.

As redes sociais impulsionaram o movimento surdo atual a ponto de dar uma nova dinâmica às informações dentro do movimento. As informações e articulações feitas pela comunidade surda antes do advento da internet eram limitadas. Para se conseguir novidades sobre a comunidade surda em seu Estado ou em nível nacional, os surdos faziam reuniões, congressos para compartilhar essas informações, que em sua maioria se dava em associações de surdos. Então um surdo ou comitiva de surdos se dirigia até esta

reunião e ali eram articuladas ações, eventos e acima de tudo troca de experiências em suas comunidades locais. Reitero a relevância deste assunto dentro de minha pesquisa, pois ele mostra claramente uma mudança nas articulações no movimento, pois a comunidade surda com a popularização da internet, por volta de 2006 no Brasil, vem agregar força ao movimento, interligando surdos de ponta a ponta do país. Com tal interligação vem a agilidade da informação em que os líderes locais se articulam em um espaço virtual (Orkut, Facebook, YouTube, MSN e Skype). Esses espaços forneceram um empoderamento da luta do povo surdo. A agilidade na informação se tornou um item fundamental para a organização de manifestações em prol de diversas causas da comunidade. Somado a agilização da comunicação via internet, o papel da língua de sinais neste contexto é fundamental. Hoje os surdos possuem condições de, mesmo a distância, ver o outro para se comunicar. Usa-se o português escrito na comunicação entre surdos e também, a língua de sinais, pois a produção de vídeos *online* por parte dos surdos tornou-se uma possibilidade que agregou a unificação e fortalecimento linguístico e comunitário.

Tentei apresentar, nesta pesquisa, a exploração da língua em um contexto onde a resistência do povo surdo tem se impulsionado pela representação. Esta, por sua vez, foi e é consolidada por meio de ações organizadas da comunidade surda, grande parte delas (diria que quase 100% em meios digitais de comunicação). O legado à língua de sinais e consequentemente ao povo surdo, no entanto, seus efeitos vem se evidenciando nos últimos anos fortemente na educação de surdos.

Um exemplo significativo de resistência nos movimentos surdos vem se dando no campo de educação. As discussões emergentes sobre a participação de surdos nas decisões educacionais das escolas, os movimentos em direção à ruptura com o que até então se domina educação especial, procurando redefinir novos espaços, novos sujeitos, são alguns dos exemplos de saberes, fragmentados e descentrados, às vezes, mas que vêm a contrapor os saberes oficiais, instituídos e considerados até então como verdadeiros. (KLEIN, 1999, p. 88).

Conforme Klein (1999), um exemplo da luta do povo surdo nos últimos tempos foram as declarações da diretora de políticas educacionais especiais do MEC, Martinha Claret, acerca da cultura surda. Essas declarações causaram grande repercussão na comunidade surda e entre pesquisadores da área da Linguística e da Educação de Surdos. Segue as palavras da diretora, conforme transcreveram Rezende e Campello (2010, p. 23):

Nós entendemos que não existe cultura surda e que esse é um princípio segregacionista. As pessoas não podem ser agrupadas nas escolas de surdos porque são surdos. Elas são diversas. Precisamos valorizar a diversidade humana.

Estas declarações vieram ao encontro à forte articulação que a comunidade surda vinha obtendo por meio das redes sociais e foi no “mundo virtual” que esta organização se iniciou e culminou em um grande ato em prol da educação de surdos no Brasil. A língua de sinais mostrou-se muito eficaz para tal articulação em nível nacional, visto que a base comum do povo surdo é sua língua.

Tendo brevemente introduzido a temática e apresentado o problema e os objetivos de minha pesquisa, passo agora a apresentar brevemente como organizei o texto desta Dissertação. No capítulo 1, faço uma contextualização da concepção de identidade a partir de alguns acontecimentos históricos que marcaram a vida dos sujeitos surdos, entre eles marco o início de lutas e conquistas, pois entendo, a partir de Lopes e Veiga-Neto (2006), que o povo surdo é marcado por um espírito de lutas pelo direito de se constituir surdo.

Conhecer a formação do sujeito surdo em sua atualidade é sem dúvida muito importante para as projeções futuras, seja educacional ou cultural, mas algo que não podemos esquecer é do passado e que, por ele, também projetamos nosso futuro como já dito anteriormente. A história dos surdos perpassa por momentos importantes, muitos deles de grande sofrimento para os mesmos, mas também de grandes conquistas e lutas sobre as quais podemos tirar grandes lições para termos como base, pois observando podemos conhecer mais sobre como se apresenta o sujeito surdo dos dias atuais.

Para chegar ao conceito que desejo trabalhar neste trabalho e logo mais adiante em minha ferramenta metodológica, é de grande importância explicar sobre o termo em questão sob uma ótica mais abrangente. Logo essa análise permitirá ter uma compreensão mais clara sobre o direcionamento do termo dentro deste trabalho, levando em conta as diversas mudanças da língua de sinais como meio de atingir a língua majoritária; dessa afirmação é possível pensar que a internet tem possibilitado viver a diferença surda com mais intensidade e riqueza. Afinal, não só está acontecendo a ampliação dentro das redes de relações dos surdos, mas também a ampliação do que conhecemos do mundo, como também está acontecendo uma maior divulgação da cultura e de formas de vida, até então, não conhecidas pelos próprios surdos. A língua de sinais está circulando e possibilitando aos surdos criarem novas representações sobre ela e sobre si mesmos, a

partir da ampliação e facilitação de seus contatos. Vários são os trabalhos de mestrado e de doutorado que trabalham com o conceito de representação. Apresento alguns deles para mostrar no que minha pesquisa se assemelha e no que se difere.

Meu propósito, inicialmente, era investigar sobre as representações da Libras dentro da comunidade surda e, mais especificamente, em sites publicados na internet, que possuem conteúdo público. Posteriormente, foi-me sugerido pela banca deter-me em uma rede social em específico, o Facebook. Entendo que o Facebook compreende um conjunto de *mídias tecnológicas sociais*.

Baseado neste conceito, inspirei-me para buscar em minha pesquisa parâmetros de análises comparativas das representações dos surdos sobre a língua de sinais em redes sociais como o Facebook. Neste âmbito, busco grupos e páginas (*fanpages*) hospedadas no Facebook que tenham acesso aberto ou livre para fazer minhas análises. Há uma grande quantidade de informações que circulam nessas redes, permitindo aos seus usuários interagir e trocar experiências uns com os outros. Também é importante dizer que cada vez mais é mais fácil estar conectado e se comunicar, pois mais pessoas usam aparelhos celular e mais lugares disponibilizam redes WiFi.

Quando começa a possibilidade desse compartilhamento entre as crianças ou adolescentes surdos, com a aquisição a língua de sinais ou uma representação da comunicação em Libras entre a cultura as relações dos surdos e dos ouvintes sobre a língua de sinais dentro do Facebook. Busca mais informações do texto em português e alguns vídeos em Libras no site da rede social Facebook. Aproveita mais o conhecimento e o crescimento da sociedade dos povos surdos e ouvintes sobre a importância da representação surda e o que eles falam da importância sobre a língua de sinais de uma forma da comunicação espacial visual e do empoderamento do surdo.

Através dos materiais, percebo que a maioria dos jovens surdos usuários da Libras no Facebook aponta que a possibilidade de comunicação entre surdos nos grupos e nas *fanpages* vem gerando mais contato entre eles. Eles têm se esforçado e buscam mais tecnologias para serem usadas na rede social, como a possibilidade de compartilhar comentários em mídias audiovisuais, fazendo uso da língua de sinais, a língua escolhida pelos próprios surdos como a principal forma de se comunicar entre os seus, como também em aplicativos de conversação on-line no Facebook.

2 LÍNGUA DE SINAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Movimento, s.m Ação de descolar ou deslocar-se; seu efeito. Mudança pela qual um corpo está sucessivamente presente em diferentes pontos do espaço. Ação, variedade, animação. Agitação fermentação política. Parte e uma graduação do metrônomo. Denominação de certos agrupamentos políticos. (KOOGAN/HOUAISS, 1999, p. 1113).

Início a apresentação deste capítulo com a definição da palavra “movimento”. Segundo o Dicionário Koogan/Houaiss, e ao analisar sua definição, entendo que, em síntese, a palavra se refere a uma organização de indivíduos em prol de uma causa comum. Sendo assim, destaco essa concepção para conceituar o movimento surdo como a reunião de forças políticas, saberes capazes de reinventar formas de ser surdo, que não aquelas marcadas pela deficiência, a limitação, mas no reforço a uma identidade surda. O movimento surdo tem sua história particular, atravessada por lutas que o ultrapassam, mas que servem de munição para as negociações políticas. A articulação feita por surdos e simpatizantes que estão dentro e fora dos espaços acadêmicos é fundamental para a sua expressão, tendo na língua de sinais a possibilidade de comunicação entre pares e com os outros. A língua de sinais é um ícone importante de nossas conquistas e lutas.

As concepções sobre a surdez que temos hoje são constituídas a partir das histórias surdas que foram construídas de distintas formas pelos sujeitos surdos nas suas relações com surdos e com ouvintes. Problematizar as histórias é de suma importância para que compreendamos a identidade e cultura do povo surdo. Descrever essa história, mesmo que brevemente é compreender onde chegamos e qual o futuro da educação de surdos, política... Fatores que formaram a comunidade surda atual é que venho expor neste capítulo onde busco base histórica para compreender como a atualidade se constitui.

Baseado em relatos históricos sobre a história dos surdos em diferentes países do mundo, posso notar uma clara luta de poderes, onde sujeitos buscam por tipos distintos de normalidade, ou seja, os ouvintes buscam a normalidade dos surdos aproximando-os do referente ouvinte e os surdos buscam a normalidade dos surdos aproximando-os do referente surdo. Tal luta marcou a história dos surdos, mais especificamente, marcou a busca pela conquista de direitos mínimos para os surdos. As disputas entre surdos e ouvintes estão presentes na história e na memória de ambos, pois elas determinaram as práticas educacionais e de vida daqueles que trabalhavam com surdos e, principalmente, daqueles que eram subordinados a elas. Nas palavras de Strobel (2009), nessa “história

na visão crítica vemos a superioridade dos sujeitos ouvintes em vários momentos, como na influência mútua rotineira do dia-a-dia dos povos surdos, nas caridades em ‘proteger’ os surdos, nas descobertas de metodologia de educação de surdos”. (STROBEL, 2009, p. 100).

Retomar a história, mesmo que de forma rápida, é fundamental para mostrar como diferentes acontecimentos vão sendo colocados no cotidiano e acabam definindo outros rumos e/ou fortalecendo aquilo que já foi vivenciado, em outros tempos históricos, pelos surdos. Os acontecimentos históricos são determinantes do aparecimento de distintas representações sobre os surdos e sobre a surdez. Tais representações poderão ser vistas, de uma forma menos comprometida com a metodologia de pesquisa, ao longo deste capítulo, embora somente conceituarei, de forma mais detalhada tal conceito, no capítulo 2.

A língua de sinais e sua história caminham paralelas à história da educação de surdos, onde vemos uma ligação entre ambas quando relacionamos métodos de ensinosa e comunicação. Ambos estão relacionadas, pois para que se ensine algum conteúdo a alguém se faz importante a paridade comunicativa para o aprendizado, e é neste sentido que venho explorar essa ligação entre ambas, buscando sempre um olhar sobre a língua de sinais na perspectiva de sua importância social para o surdo.

Sobre origem da língua de sinais, Rodrigues (2012) relata que por se tratar de uma língua de modalidade espaço-visual, ou seja, sua forma de apresentação acontece sem registro escrito (ágrafa), não se tem ao certo o período com exatidão de sua origem, entretanto muito pesquisadores alegam sua origem relacionada à aparição em registros dos primeiros surdos.

A história dos surdos, até onde tenho conhecimento, tem seu início relatado por filósofos em seus escritos. Um deles, o grande filósofo Aristóteles (384-322 a.C.), apontava para a incapacidade de pensamento daqueles que não escutam. A mudez era entendida como falta e como impossibilidade de comunicação e cidadania. Segundo Guarinello (2007, p. 20):

Para Aristóteles (384-322 d.C.), as pessoas que nasciam surdas eram também mudas e, conseqüentemente, não falavam nenhuma palavra. Segundo Aristóteles, para atingir a consciência humana, tudo deveria penetrar por um dos órgãos do sentido, e ele considerava a audição a porta do canal mais importante do aprendizado.

Além das representações ou formas de significar a surdez apresentadas por Aristóteles, muitas outras foram criadas em outras localidades e em outros tempos. Por exemplo, em Roma, a igreja não aceitava a imortalidade da alma dos surdos, por não conseguirem proferir os sacramentos religiosos. Na sociedade romana, os surdos também eram privados de seus direitos, ficando sempre a margem de um curador para os mais básicos fins. (GUARINELLO, 2007). No século VI, há a criação do Código Justiniano, quando se fez pela primeira vez uma separação de conceitos: antes todas as pessoas que não falassem e não escutassem eram tidas como “surdo-mudo”, entretanto, este código, trouxe consigo uma diferenciação dos direitos dependendo da condição do indivíduo, se a pessoa nasceu surda ela não teria direito a receber e a deixar heranças; já as pessoas que, por motivos de acidentes ou doença perdesse a fala, mas anteriormente tivesse tido uma educação formal da época, essa pessoa continuaria com seus plenos direitos. Percebe-se que há uma mistura representacional ao definirem surdez e mudez. Também é possível perceber uma atribuição de valores a processos educacionais dos sujeitos definidos com essas características, pois aqueles emudecidos por acidente, que já haviam sido educados, gozavam de direitos distintos daqueles que eram mudos de nascença ou emudecidos muito cedo. O surdo confundia-se com o mudo, pois ambos possuíam um traço comum, a ausência da fala, pelo menos, de uma fala socialmente compreensível. Guarinello destaca:

Ainda em Roma, no século VI durante o reinado do imperador Justiniano, ele formulou o código Justiniano, esse código fazia distinção entre a surdez e a mudez e ordenava a quem nascesse surdo e mudo não podiam fazer testamento nem receber herança. Mais se a pessoa nasceu ouvindo e perdeu a voz ou audição por doença ou acidente e já fosse educado podia realizar tudo que era proibido ao surdo mudo de nascença. (GUARINELLO, 2007, p. 20).

As representações sobre a incapacidade surda de pensar, devido a ausência de fala, antecedem muito a aparição dos saberes clínicos que, atualmente são os fortes definidores da surdez e dos surdos como deficientes. Percebe-se que a normalidade era dada a partir de repetições de tipos humanos. Se a maioria dos cidadãos gregos exercitavam o pensamento e davam demonstrações retóricas sobre sua sapiência, aqueles, mais raros, que mesmo atendendo as condições da aristocracia e para o exercício da cidadania, que não o faziam, eram apontados como os anormais de seu tempo.

Avançando mais no contexto histórico, evidenciamos na Idade Moderna, Bartolo D’Ella Marca d’Ancona, escritor do século XIV, fazendo uma das primeiras concepções

sobre a surdez. Ele fazia alusão a uma possível aprendizagem do sujeito surdo, e notou que o surdo tinha capacidade de fazer distinções e escolhas. Tal observação, bastante incomum para a época, pode ser uma evidência que alguns começavam a perceber os surdos de outras formas. No século XVI, vemos na Itália o médico Girolano Cardano, por ter seu filho surdo, se dedicou aos estudos da audição de uma maneira mais clínica, entretanto há relatos de que tenha criado um alfabeto, um código para o ensino de surdo, porém nunca o colocou em prática. Mais adiante no mesmo século, vemos o monge beneditino Ponce de León fazendo o uso de práticas educativas voltadas para surdos de famílias nobres da época. Essas práticas visavam a aprendizagem por meio da fala, e utilizava métodos que envolviam os demais sentidos do corpo humano reforçando sempre a leitura e escrita dos alunos surdos. Ponce de León também chegou a desenvolver um alfabeto manual, ou seja, um conjunto de signos para serem trabalhos com outros métodos, tudo isso tinha uma objetivo, as famílias das crianças surdas, muitas vezes com filhos únicos por elas serem surdas não poderiam deixar seus bens a elas se as mesmas não tivessem a educação exigida pela lei, sendo assim os pais recorriam a métodos arcaicos da época, até então sem conhecimento profundo sobre a surdez. (GUARINELLO, 2007).

Após os anos de 1620, com a publicação do livro *Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos*, de Juan Pablo Bonet, vemos um grande número de estudos na área da surdez, onde métodos eram a todo instante desenvolvidos afim de se encontrar uma “cura” ou até mesmo uma educação de qualidade para os surdos da época. O livro de Bonet trazia em suas páginas uma espécie de o que chamamos hoje de alfabeto manual, no qual cada letra havia sua representação gráfica feita pela mão, ele acreditava que por meio deste método, aliado a técnicas de fonoaudiologias, o surdo poderia então falar. A fala foi por muito tempo o foco dos métodos da época, entretanto, vê-se no século XVII, o escocês George Dalgarno defender a igualdade de ouvintes e surdos em potencialidades, visto que ele desenvolveu um outro Alfabeto Manual, semelhante ao de Bonet, mas ele se utilizava como educador de seu método manual em sala de aula para ensinar seus alunos surdos com esses gestos datilológicos.

Diante do exposto, é possível afirmar que se percebe em distintas e desconexas práticas, algumas condições para que na atualidade pudéssemos entender as distintas filosofias de educação de surdos, entre elas o oralismo e o bilinguismo. Mesmo, nos diferentes tempos referidos anteriormente, não podendo dizer da existência da língua de sinais, é possível dizer que as condições para mais tarde aparecer a língua surda, estavam

dadas na Europa. Resumindo, embora não possamos, ainda fazer referência à língua de sinais, pois como tal, ainda não existia, a reunião de surdos é uma das condições fundamentais para que a língua surda pudesse se desenvolver.

No século XVIII, ainda cenário europeu, Abade L'Epée funda a primeira escola de surdos de Paris, chamada de Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. O educador, bastante curioso para saber sobre os gestos usados na comunicação entre surdos, investe esforços para que estes pudessem ser difundidos oficialmente. Muitas foram às demonstrações públicas de surdos gesticulando e de aprendizados surdos a partir do uso de gestos. Aliás, apresentações recorrentes até hoje nas escolas, obviamente que não com o mesmo significado, mas tendo em comum o uso das mãos para a comunicação, continuam sendo utilizadas.

Na mesma atmosfera do século XVIII — ora reconhecendo o surdo como usuário de um outro sistema de comunicação gestual e ora reconhecendo o surdo como capaz de oralizar, o alemão Samuel Heinricke fundou a primeira escola pública para surdos. A escola de Heinricke, diferentemente daquela inventada por L'Epée — baseada em gestos —, baseava-se na linha do método fônico. Portanto, na França e na Alemanha aparecem duas linhas educacionais a que reforçava os gestos e a que reforçava a oralização. Ambos possuem em comum o interesse nos surdos, a representação que os surdos poderiam aprender uma língua (seja ela oral ou gestual) e a que os surdos necessitavam ser educados.

Não somente educadores se preocupavam com as condições daqueles que não ouviam. No século XVIII, com o advento da saúde e com a preocupação com as condições de vida da população, médicos também passaram a se interessar e a definir os contornos da vida dos surdos. Conforme Guarinello (2007) relata, o médico francês Jean Marc Gaspard Itard, fez diversas experiências com alunos surdos do Instituto de Surdo de Paris. Pelos seus experimentos Itard estava em busca de trazer uma “cura” à surdez e trazer a fala aos surdos.

Na América, mais especificamente nos Estados Unidos, em meados do XVIII, a educação de surdos não teve grandes avanços, o que levou famílias que tinham alguma condição financeira a enviarem seus filhos surdos para estudarem na Europa, com o método desenvolvido por L'Epée. O primeiro americano a se interessar e a pesquisar a fundo a educação de surdos, fora Thomas Hopkins Gallaudet. Gallaudet viajara à Europa para ver e aprender sobre o método de ensino de L'Epée e suas experiências educacionais. Chegando a Europa, Gallaudet teve contato, primeiramente, com os

Braindwood. Eles utilizavam o método oral, entretanto, esse método não chama a atenção de Gallaudet. Assim, ele viaja para França e lá aprende com Abade L'Epée, e seu método gestual. Chegando ao Instituto de Surdos de Paris, teve como professor o surdo Laurent Clerc, este apresentou o método e logo em seguida Gallaudet convidou Clerc para ir com ele para o Estados Unidos. Juntos fundaram uma escola pública de educação de surdos. Hoje, aquela escola constituiu a primeira universidade para surdos conhecida mundialmente. Com a mudança de Clerc e a fundação da escola pública para surdos na América do Norte, a língua de instrução era língua de sinais francesa. Aos poucos, conforme Guarinello (2007), foi sendo construída a língua americana de sinais.

Indiretamente o abade L'Epée contribui com a criação, no Brasil, da primeira escola que reunia alunos surdos, pois este foi professor de Eduart Huet, que em meados do século XIX, em 1857, funda, na cidade do Rio de Janeiro, o Imperial Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (INES), tendo como referência Instituto de Surdos de Paris. No Brasil, pode-se dizer, que é bastante tardia a educação de surdos, principalmente a presença da comunicação gestual. No INES, embora os gestos tenham estado presentes na sua constituição, a comunicação oralizada ocupou o espaço preponderante durante anos.

No final do século XIX, os debates e as crenças sobre como deveriam ser educados os surdos, se acirram. Durante o Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Milão/Itália, o oralismo se fortalece e muitas práticas educacionais passaram a se orientar pelas diretrizes traçadas naquele evento. Segundo Wrigley (1996), as políticas audistas prevaleceram historicamente, fazendo uma longa história de correção dos sujeitos. Logicamente que movimentos de resistência sempre existiram, mas estes não eram divulgados e não ganharam expressão entre a população interessada na época, na temática.

Wrigley (1996) mostra que havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos, líderes surdos, militantes surdos e outros sujeitos surdos bem sucedidos antes da imposição da língua oral na vida das pessoas surdas, ou seja, o Congresso de Milão institui, a partir de 1880, outras formas de entendermos a educação, a cultura e a vida das pessoas surdas.

Depois do congresso veio a proibição educacional do uso de gestos pelos surdos. Muitos grupos mobilizados por educadores de surdos, reivindicaram a importância de uma comunicação gestual e de uma educação pelos gestos, porém, o oralismo ganhou mais expressão. Após o congresso, a maioria dos países como França e Alemanha adotou

rapidamente o método oral nas escolas e proibiu o uso de gestos. Ali começou uma longa e sofrida batalha dos surdos para defender uma construção surda e o que mais tarde seria reconhecido como sendo a língua de sinais. Com as lutas pela língua viso-espacial e mais tarde pela comunicação em língua de sinais, os surdos se uniram mais na luta pela preservação de sua cultura, criada a partir da aproximação e a união surda. A luta surda não emergiu simplesmente em resposta a oralização, mas em busca de uma forma de estar no mundo e de aprender. Os principais motivos das manifestações da comunidade surda é a educação de surdos, como cita Ladd (apud GONÇALVES, 2011, p. 295):

A Educação de crianças surdas foi uma das grandes prioridades da maioria das comunidades surdas ao redor do mundo por mais de 250 anos. Nos últimos cem anos, no entanto, esta preocupação aumentou por causa da crescente frustração e até mesmo desespero diante de má qualidade dessa educação. A responsabilidade por essa situação tem sido tradicionalmente atribuída à hegemonia do oralismo, que definimos como uma tentativa de se tirar da educação surda tudo o que é “surdo” – línguas de sinais, os educadores surdos, o contato da comunidade com pais e crianças, a história surda, os Estudos Surdos e as culturas surdas.

A comunicação viso-espacial, materializada na língua de sinais, é o principal fator dos encontros das pessoas surdas. Nos anos 60, já no século XX, renasce a aceitação da comunicação gestual possibilitando mais um passo no fortalecimento da cultura surda, tão discriminada e dificultada a sua existência por práticas audistas. A perspectiva clínica e normalizadora provocou a efervescência de movimentos políticos, sociais, históricos e linguísticos em defesa da diferença surda e da língua de sinais. Participaram desses movimentos muitos ativistas surdos e também pessoas ouvintes ligadas diretamente com a luta surda.

As inúmeras lutas que construíram a história surda jamais cessaram. Cada vez mais ganham saberes novos e interpretações distintas de diferentes especialistas de todas as áreas. Perspectivas que contribuem muito com a construção de uma oposição entre normal e anormal ou surdos/deficientes auditivos e ouvintes. Na construção dessa lógica binária, estariam de um lado os ouvintes (opressores, colonialistas, oralistas) e, de outro, os surdos (subjugados, colonizados, normalizados). Essa questão é bastante delicada e importante de ser problematizada; pretendo explorá-la em outro momento.

Embora pense que todos os investimentos históricos feitos sobre os surdos visando a correção dos mesmos, esteja pautado sobre uma concepção de normalidade auditiva, não quero voltar o debate somente sobre aqueles que ouvem, pois seria manter uma

argumentação binária ouvinte X surdo. Portanto, anteriormente, ao citar Perlin (1998), quis mostrar a necessidade de ampliar o entendimento sobre as práticas históricas para que possamos reforçar os argumentos a favor da resistência surda. Surdos e ouvintes que acreditam na diferença cultural surda se mobilizam a favor da resistência surda aos processos de normalização. Assim como, também há grupos que se mobilizam a favor das práticas de normalização. Portanto, não se trata de banalizar as lutas, mas sim, de tomar posicionamentos. Sou surdo e acredito na luta surda, assim como me alio a ouvintes que possuem o mesmo objetivo. Entendo que o movimento surdo não possua uma homogeneidade de pensamento, mas não posso negar que a reivindicação pelo uso da língua de sinais como primeira língua se destaca como algo em comum entre todos aqueles que se filiam a esse movimento.

Essa representação em prol de uma língua sempre esteve ligada a uma visão onde a língua de sinais fora considerada uma comunicação limitada de conceitos, sem representação linguística. Durante muitos anos podemos perceber pelo histórico estudado acima que a língua de sinais obteve nomenclaturas que às classificavam como uma espécie de linguagem, algo inferior a uma língua de fato. Essa classificação de linguagem, ocorria devido ao fato de que a língua de sinais estruturada não possuía as mesmas características das línguas orais, tais como: morfologia, gramática, sintaxe, semântica... Devido ao desconhecimento, a língua de sinais foi por muitos anos classificada como uma linguagem, uma comunicação. Em 1960 Willian Stokoe, realiza as primeiras pesquisas linguísticas na área da Língua de Sinais, analisando os fenômenos da Língua de Sinais Americana (ASL) e comparando com as características das línguas orais, ele foi capaz de evidenciar os mesmos fenômenos linguísticos das línguas orais presentes na língua de sinais, alavancando várias outras pesquisas em outras línguas de sinais em todo mundo. Começava-se aí uma nova visão sobre a língua de sinais, uma visão de paridade com as línguas orais, visto que ambas são modalidades distintas, entretanto com equivalências sobre suas características. (PEREIRA et al., 2011).

Em âmbito nacional, é possível identificar tipos de lideranças, discursos e representações oriundas do movimento surdo com certas semelhanças ao contexto internacional, mas contornos próprios. Como escreveram Rezende e Campello (2014, p. 72), não “podemos negar a nossa história, intensamente ligada ao diagnóstico do campo de lutas e batalhas”. A luta do movimento surdo brasileiro, destacada neste tópico, tem como base uma série de outras lutas de diferentes comunidades surdas europeias e americanas. Em todo o mundo, pelo menos nos países que temos conhecimento, os

surdos sobreviveram assim representados em meio a lutas de resistência aos processos de colonização culturais. Lopes e Veiga-Neto (2006), ao argumentarem sobre a alma surda e a constituição da subjetividade surda, escrevem que só é possível ser surdo em luta. Ao usarem a noção de marcas ou de marcadores surdos, dizem ser a luta uma das marcas da cultura surda, pois esta só existe porque seus integrantes lutam para estar juntos.

Muitas iniciativas surdas podem ser observadas na história dos surdos brasileiros, desde o século XX para cá. Destaca-se entre as lutas, aquelas travadas ao final dos anos de 1990 e aquelas dos anos 2000. Fortemente questionadas nos anos de 1990, as práticas educacionais baseadas na oralidade ou na gestualidade-oralidade, começam a perder espaço nas escolas e nas academias. Muito influenciada por pesquisadores argentinos, entre eles Luis Behares e Carlos Skliar, foram formados professores de surdos defensores do que foi convencionalizado ser o bilinguismo — uso de duas línguas na comunicação e educação de surdos. Poucas eram as experiências bilíngues existentes, mas o fortalecimento das discussões para seu uso era notório. Estudos de linguistas como Eulália Fernandes, davam apoio para a virada educacional e linguística sobre os surdos.

Na luta por uma representação de caráter mais antropológica e surda dos surdos e da surdez, a mídia entra na batalha e filmes começam a ser feitos mostrando personagens surdos usuários de língua de sinais. Além disso, estudantes e pesquisadores da área de educação e de linguística começam a circular e a mostrar seus estudos sobre o desenvolvimento surdo, quando o indivíduo é submetido a língua de sinais o mais cedo possível. Neste sentido, o Rio Grande do Sul marcou época e a produção acadêmica. Tanto a Universidade Federal de Santa Maria quanto a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participaram ativamente das lutas em prol do reconhecimento da diferença surda e da língua de sinais. Representações positivas sobre a língua de sinais começaram a ser produzidas e se espalhar pelas escolas de surdos e pela formação de professores de surdos.

Talvez possamos atribuir o auge do movimento contra a oralização ao decreto de 2002, que determina e reconhece a língua de sinais como língua oficial dos surdos e como uma língua brasileira. Mesmo com as muitas formas de representar os surdos brasileiros, jamais deixaram de existir aqueles defensores da oralização e das práticas audistas com surdos. A história não é um conjunto cronológico de desdobramentos. As lutas são permanentes e um dos fatores que acirram as lutas surdas é a presença da inclusão de todos na escola. Os surdos querem estar na escola, porém querem, também, determinar as condições de sua educação. Para estar na escola reivindicam a escola de

surdos em meios as fortes políticas de inclusão e de apagamento de uma cultura visual surda. Talvez um dos maiores ícones da luta surda, já no século XXI, seja a tentativa do governo federal em fechar o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro. Tal tentativa acendeu o movimento surdo, mostrando sua potência.

Diferentemente de outros tempos, o movimento surdo possui líderes surdos que pesquisam e que são professores de outros surdos. A qualificação acadêmica dos debates faz diferença no momento das reivindicações. Temos surdos pesquisadores somados a outros. Isto implica em ter pesquisas capazes de mostrar o quanto é produtivo para os surdos estar imerso em um contexto surdo. Com argumentos fortes e difíceis de serem combatidos, o movimento surdo luta pela escola de surdos e por uma pedagogia bilíngue e bi cultural³ para surdos. Chamo a atenção para a atualização das lutas, mas também pela sua presença constante na vida surda. Ser surdo tem sido representado também de maneira associada a um espírito batalhador.

No início da segunda década do século XXI, a diretora de Políticas de Educação Especial Martinha Claret, tem em seus projetos o fechamento da Escola de Aplicação do INES- CAP/INES, alegando que em seu trabalho é encarado como uma forma de segregação dos surdos em uma sociedade que visa a inclusão de alunos surdo em classes com maioria de estudantes ouvintes. A corrente defendida por ela, visa uma socialização do surdo que para ela é um ganho em nível de qualidade, o que na visão do INES e da Comunidade Surda, em termos de educação, não atende a proposta bilíngue de educação. Martinha Claret, alega também que essa prática educativa onde os surdos possuem classes ou escolas diferenciadas gera “guetos”, o que, em seu entendimento, não favorece sua educação. Essa decisão gerou um mal-estar e uma rápida mobilização dos surdos. A mobilização teve como ponto inicial o vídeo de um professor efetivo do INES, bem como líder surdo, Nelson Pimenta. Rezende e Campello reproduziram parte do vídeo:

Absurdo! ABSURDO! A-B-S-U-R-D-O! Absurdo de verdade. O quê? O INES fechar!? Calma aí! Não dá pra engolir isso. Não dá. Não, por favor! Por favor, eu imploro. Peço pelo que há de mais sagrado. Parem tudo! Acordem! Divulguem. Fechar o INES, NÃO! Eu quero que vocês surdos pensem bem. Olhem só isso, defendem os surdos! Os surdos vão

³ Cada vez mais se discute no campo dos estudos surdos se caberia utilizar a noção de bicultural para qualificar a pedagogia para surdos. Acredita-se que em tal pedagogia trabalha-se com a diferença e com biculturais. Os surdos possuem formas distintas de viver sua diferença e sua identidade, portanto há muito mais do que duas culturas em jogo. No entanto, aqui usarei o bicultural para mostrar a forma de nomear que mais circula no campo.

perder a convivência em língua de sinais, a cultura, a identidade. Perder isso pra sermos oprimidos numa inclusão de ouvintes? NÃO! Abram os olhos! Por favor! Eu peço a vocês: Não vamos deixar essa brutalidade acontecer. Os surdos vão perder a sua cultura. Estou chorando por dentro, meu coração dói. Por favor! Surdos, vamos discutir sobre isso. O MEC não pode mudar o INES. O INES é assim! Não podemos aceitar isso de braços cruzados. Levantem! Lutem! Conto com vocês e fiquem atentos. (FONTE: <http://www.youtube.com/watch?v=y16cfWmUrtU>) (PIMENTA, 2012 apud REZENDE; CAMPELLO, 2014, p. 75).

O texto acima citado mostra em tradução para o português o vídeo de Nelson Pimenta, onde ele expõe sua indignação para a comunidade surda sobre o fechamento da Escola de Aplicação do INES, CAP/INES. A CAP/INES é de grande importância para a comunidade surda, pois ela atende a surdos nos três seguimentos da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio em todos os turnos, e esta educação é ofertada na modalidade bilíngue, onde temos a Libras como língua de instrução, como primeira língua, e o português escrito como segunda língua.

A repercussão desse vídeo foi muito importante, pois logo em seguida Nelson Pimenta convoca uma grande manifestação a nível nacional, acompanhado por vários apoiadores da causa surda, para evitar o tal fechamento do Colégio de Aplicação do INES, embora Martinha Claret logo após a repercussão tenha negado as reivindicações dos surdos. No Brasil inteiro repercutiu o movimento para o não fechamento do INES e também para o não fechamento de outras escolas para surdos brasileiras, essas não tão conhecidas, mas fundamentais para os surdos de distintas regiões de norte a sul do país.

Nas ruas via-se o movimento surdo festejar e mostrar as mãos como símbolo de sua cultura. Mãos e língua de sinais viraram o ícone da diferença surda no início do século XXI.

Em síntese, o INES permanece e os surdos continuam renovando suas lutas para continuar existindo como tal. Hoje a tecnologia se tornou uma potente aliada nas lutas, pois por ela avança-se mais rápido e as distâncias territoriais surdas, até pouco tempo uma grande barreira linguística, hoje não é mais um problema intransponível. Surdos do sul se comunicam com surdos do norte, do nordeste, do sudeste, do centro oeste brasileiro, bem como surdos brasileiros se comunicam com surdos de outros países pela internet.

Os ativistas surdos, ao apropriarem-se da Feneida, transformando-a em Feneis, mantiveram a integração social e a educação da pessoa surda como metas principais da organização, mas mudaram as formas de luta e, acima de tudo, os discursos que sustentavam. Por exemplo, a autora

chama a atenção ao fato de que a reivindicação de melhorias na educação, comum a outros movimentos sociais nesse período histórico, no caso dos representantes dos direitos dos surdos, passou a incluir a defesa do direito ao ensino-aprendizagem em língua de sinais. (BRITO, 2013, p. 125).

Atualmente percebo que o surdo, em sua luta pelo reconhecimento de seus direitos, vem se desenvolvendo no interior de suas comunidades. Dentro dessas comunidades está inserido o “povo surdo”, o qual refere-se Strobel (2008). O povo surdo não necessariamente habita um mesmo local, mas pode ser acionado e seus indivíduos convocados, em distintos momentos. Com isso observo que a unidade dos surdos se faz valer em sua luta, em outras palavras, o surdo tem na língua de sinais a potência da comunicação com seus pares. Por isso, aceitar-se como sujeito surdo usuário de língua de sinais, bem como pertencer mesmo que virtualmente, a um grupo que o fortaleça identitariamente como surdo, é condição para uma vida surda dentro de uma cultura viso-espacial. Por meio da língua de sinais pode-se notar que há uma certa resistência surda. Resistência surda a qual estou me referindo tem sua base segundo Perlin (1998) no interior das comunidades surdas, uma base onde o surdo luta pela quebra da desigualdade para com os ouvintes, seria como uma luta pelo reconhecimento (por parte dos ouvintes) de que o surdo possui uma identidade, uma identidade que o representa como sujeito em sociedade e por isso há a necessidade de ser fazer respeitar, dado este fato, o povo surdo vem lutando por essa bandeira há muitos anos. A resistência surda nos tempos atuais vem evidenciando uma busca por uma aceitação, que tempos atrás não era possível nem ser sonhada, era oprimida por uma política e sociedade audistas que ditavam normas de vida ao surdo em sociedade. Emanuelle Laboritt (1994), citada por Perlin e Strobel (2014), evidencia muito bem como era a opressão sobre o surdo em sala de aula:

Quando um dos professores se virava para escrever no quadro-negro, tínhamos hábito de trocar informações na língua de sinais, persuadidos de que ele não nos escutava, já que não nos via. Ora, no começo, ele se voltava todas as vezes, era estranho, não compreendíamos imediatamente por quê. Com o passar do tempo, dei-me conta de que, ao falar com as mãos, sem saber, emitíamos ruídos com a boca. Cuidamos então de não mais emitir nenhum som e, desde aquele dia, trocamos nossas lições o mais tranquilamente possível. (LABORITT *apud* PERLIN; STROBEL 2014, p. 27).

Relatos como esse onde a opressão audista se fazia soberana sobre vida dos surdos são bem comuns quando analisamos a história do povo surdo, mas apesar desses desta

opressão o povo surdo conseguia se manter em movimento, um tanto tímido se comparado aos dias atuais, mas mesmo assim atuante em busca do reconhecimento de si.

Povo, por si mesmo, sempre é um movimento, algo que se firma, que não para, que evidencia suas lutas, seus direitos, suas estratégias. E a história vai-se constituindo em meio a este “que fazer”. Vai surgindo uma condição histórica dentro do espaço dos surdos. Vai-se fazendo em direção ao movimento interno de ser. (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 27).

A citação supracitada evidencia que a luta pela língua de sinais não acontece apenas com um sujeito surdo, ela se cria com dois indivíduos com mesmos objetivos e características, mas para que ela acontece de fato, há a necessidade de que o sujeito surdo se aceite e crie essa subjetividade. Lopes e Veiga-Neto (2006) afirmam que um determinado grupo para se manter em ligação com o mundo precisa antes de tudo uma auto-afirmação, ou seja, uma compreensão de si. O surdo só pode desenvolver essa marca cultural em contato com outros surdos. Isso pode ser sentido onde vemos relatos de surdos que dizem claramente que quando não tinham contato com outros surdos, sua língua, costumes seus pensamentos eram diferentes. Quando há o contato com outros surdos, seja por associações, internet, trabalho, etc. os valores são mudados, pois o contato com o outro surdo o faz refletir sobre si, sobre sua existência como sujeito surdo atuante e o leva a questionar valores sociais ouvintes, antes tidos como seus.

Enfim, os surdos, entendidos cada vez mais como integrantes de uma comunidade linguística minoritária, integram o rol de cidadãos brasileiros e usuários de uma língua brasileira. Portanto, a língua é um dos maiores constituidores das muitas formas de os surdos se verem, se representarem e serem representados. Daí meu interesse em conhecer e problematizar como a língua de sinais brasileira é representada pelos surdos.

3 SURDOS E REPRESENTAÇÕES

Etim.: do lat. *Reprraesentat (i)o, onis*, pôr diante dos olhos ou do espírito de alguém. (FILHO, 2009, p. 308).

Para chegar ao conceito que desejo trabalhar neste trabalho e logo mais adiante em minha ferramenta metodológica, é de grande importância explicar sobre o termo em questão sobre uma ótica mais abrangente, logo essa análise nos permitirá termos uma compreensão mais clara sobre o direcionamento do termo dentro deste trabalho. A utilização do dicionário de português não é para trazer um conceito sobre a palavra representação, mas é para mostrar possibilidades existentes de abordá-la. No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a palavra *representação* significa:

[...] **3.** Aquilo que representa. **4.** Ideia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa. **4.1** FIL operação pela qual a mente tem em si mesma a imagem, a ideia ou conceito que correspondem a um objeto que se encontra fora da consciência. [...] **6.** posição de expressão social. [...]. (HOUAISS, 2009, p. 1648).

Se tomarmos a primeira acepção da palavra “aquilo que representa”, podemos entender que uma representação, ao ser fixada pela linguagem em alguém, define como esse alguém será representado ou visto pelo outro e, muitas vezes, por si mesmo. Para a filosofia, além de podermos entender representação como uma imagem mental de algo que está em nossa consciência, também poderíamos, ao escolher uma vertente teórica mais culturalista, dizer que se trata de uma forma de dizer e de inventar o outro pela linguagem. Para Stuart Hall, filósofo bastante utilizado no campo da educação por autores que utilizam o referencial dos estudos culturais, a representação está associada à linguagem e à cultura, essa sempre datada e localizada.

Para os Estudos culturais⁴ o conceito de representação é bastante importante porque permite que a entendamos, não como reflexo do real, mas como sendo o próprio real inventado socialmente. A partir do compartilhamento cultural de significados construídos local e espacialmente, o conceito de representação se torna, conforme o autor “uma das práticas centrais que produz cultura”. (HALL, 1997, p. 1).

Para o autor, toda a representação é gerada dentro de um esquema ativo de significados. Ao utilizar a linguagem descrevemos e inscrevemos os indivíduos em

⁴ São um campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as formas de produção ou criação de significados e de difusão dos mesmos nas sociedades atuais.

determinadas redes de relações. Tais redes produzem campos de sentido que colocam os indivíduos em determinadas posições sociais. Para cada posição, verdades são produzidas sobre eles e sobre a materialidade de seus corpos. No caso dos surdos, durante muitos anos, suas histórias estavam associadas à deficiência auditiva e às práticas de normalização. Atualmente, ainda existem representações de surdos como deficientes, mas também há um número grande de pessoas que por terem mais convívio com surdos, por estarem mais esclarecidas, etc., já entendem que ser surdo não é o mesmo que ser deficiente auditivo. O surdo não é um deficiente, mas um indivíduo que integra uma forma de vida particular, que possui uma língua própria e uma identidade surda.

Na construção da identidade e da representação da surdez como uma marca cultural, a língua de sinais desempenha papel fundamental. Sua importância, para além da comunicação, que, sem dúvida, é a mais importante, está na própria imagem que ela compõe. Dito de outra forma, está na própria contribuição dela para que possamos ver a materialidade de um tipo de sujeito que se comunica usando as mãos em movimento no espaço. Portanto, ao tornar visível a comunicação surda, também deu visibilidade para aquele que a utiliza.

Nas ruas, nas escolas, nas casas, etc. a língua de sinais tem sido cada vez mais utilizada, pois muitas foram as lutas pela sua aceitação como língua surda brasileira. Como seus usuários não são a maioria da população, a língua de sinais acabava tendo pouca visibilidade, bem como os surdos tinham dificuldades para encontrar outros surdos para que pudessem ampliar o rol de amigos e de referências sociais e linguísticas. Porém, com a internet, a comunicação entre os surdos foi ampliada. Atualmente, podemos nos comunicar com facilidade e articular nossa cultura de outras formas. Daí a importância de estudar mais sobre como a língua de sinais vem sendo representada.

A partir dessa afirmação é possível pensar que a internet tem possibilitado viver a diferença surda com mais intensidade e riqueza. Afinal, não só está acontecendo a ampliação das redes de relações dos surdos, e com isso a ampliação do que conhecemos do mundo, como também está acontecendo uma maior divulgação da cultura e de formas de vida, até então, não conhecidas pelos próprios surdos. A língua de sinais está circulando e possibilitando aos surdos criarem novas representações sobre ela e sobre si mesmos, a partir da ampliação e facilitação de seus contatos. Vários são os trabalhos de mestrado e de doutorado que trabalham com o conceito de representação. Apresento alguns deles para mostrar no que minha pesquisa se assemelha e no que se difere.

Em sua pesquisa de doutorado Thoma (2002) tinha como objetivo analisar as representações dos surdos dentro do cinema, utilizando Foucault e os Estudos Culturais, e seus entendimentos de discurso, representação, cultura, pedagogia cultural, entre outros, como ferramentas metodológicas. É possível identificar na pesquisa da Thoma, dois conceitos que trabalhou em minha pesquisa, representação e surdez, embora ela trabalhe com a representação do surdo no cinema, essa análise pode contribuir com ferramentas a serem aproveitadas em minha pesquisa.

Thoma não estava interessada em comparar os filmes numa análise de melhores ou piores formas de se falar sobre surdos, mas identificar os diferentes tipos de discurso sobre a surdez e o surdo presentes nas narrativas cinematográficas, focando no conteúdo do que era apresentado e não nos significados por trás dos discursos, propôs ainda, encontros onde surdos universitários assistiam os filmes, e posteriormente relatavam o que haviam sentido ou entendido das narrativas. Ela então, analisou os depoimentos sobre os discursos que se apresentam quando falamos ou narramos sobre os outros, nesse caso os surdos. Como exemplificado por Thoma, dois modelos de representação da surdez tem sido amplamente difundidos nos estudos atuais.

Atualmente, é comum a discussão sobre a educação de surdos a partir de dois modelos de representação: o clínico-terapêutico e o sócio-antropológico. A visão clínico-terapêutica da surdez entende o surdo como um deficiente auditivo que precisa ter sua deficiência removida através de terapias da fala e sessões de oralização da pessoa surda, utilizadas a fim de que o surdo pareça, o mais possível, com as pessoas ouvintes. É isto só pode ocorrer com o mascaramento da falta de audição, com a proibição da língua visual que os surdos utilizam, com a sua medicalização através da leitura labial e do aprendizado da emissão vocal de algumas poucas palavras sem sentido pra eles/as. (THOMA, 2002, p. 78).

Essa forma de representar o surdo na perspectiva da deficiência não combina com a minha pesquisa, visto que a área clínica é contra a valorização da língua de sinais, não aceitando o surdo como ser cultural, focando na incapacidade, e obrigatoriedade da terapia da fala, juntamente com o fonoaudiólogo. Em contra ponto à visão acima, a autora apresenta uma segunda representação, abordando uma visão sócio-antropológica do sujeito surdo.

A visão sócio-antropológica, por sua vez, diz respeito a uma outra forma, oposta, de entendimento da surdez e das pessoas surdas, que acredita que os surdos constituem um grupo minoritário de pessoas que

se agrupam para discutir e opinar sobre suas vidas, não apenas porque têm em comum o fato de que não ouvem, mas por serem sujeitos visuais [...]. (THOMA, 2002, p. 78).

A segunda citação, no entanto tem vinculação com o conceito de surdez que já trabalhou, respeitando a escolha do sujeito surdo, e o percebendo como minoria linguística.

Em sua pesquisa de mestrado, Mourão (2011) objetivou analisar como os surdos vêm apresentando e construindo trabalhos na área de Literatura Surda, com o foco nas produções em língua de sinais. Ele tinha como um dos objetivos analisar quais as temáticas e os usos da língua de sinais dentro das produções do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, de ensino a distância, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, estes os materiais produzidos pelo próprios alunos surdos foram filmados e estavam disponíveis em DVD's, sendo realizados como atividade da disciplina de Literatura Surda, e além disso foram realizadas entrevistas, verificando os depoimentos dos alunos surdos sobre as histórias selecionadas para análise.

“Como me narro? Sou humana, sou Surda, usuária de Língua de Sinais (LS), participo na Comunidade Surda (não vivo sem a Comunidade Surda) [...]”. (SILVEIRA, 2006, p. 9).

Para Mourão (2011), “a representação, na articulação com o contexto dos surdos, pode ser entendida como uma adaptação de vários contos de histórias para a língua de sinais”. Entendo que Mourão vem favorecendo as convivências culturais que estão presentes na relação surdo e ouvinte, buscando a importância da representação, os valores das pessoas surdas e as ricas experiências linguísticas da própria língua dos surdos, expressas das através da literatura surda. Ele mostra que assim como povo ouvinte tem a sua forma de narrar, através da língua oral e da escrita, a comunidade surda narraria com uma adaptação, utilizando da língua de sinais e registrando através de imagens (fotos, vídeos, filmes, entre outras possibilidades que se utilizam do espaço-visual), essa forma de fazer literatura está presente em comunidades surdas de outros Países, e assim como acontece com as línguas orais, essas histórias se integram às culturas dessas comunidades, que desenvolvem novas maneiras de contá-las.

Os principais resultados da pesquisa de Mourão mostram que a literatura surda desenvolve através da língua de sinais dentro da comunidade surda, e isso desenvolve formas de representações de ser surdo, que está ligada ao conceito de representação pelos próprios sujeitos surdos.

Lulkin, com a sua pesquisa de mestrado (2000), usou o conceito de representação para analisar as representações do sujeito surdo e da surdez que abordam discursos religiosos, médicos, filosóficos, antropológicos e pedagógicos desde o século XVIII até o final do século XIX. Com um conhecimento específico que vem desenvolvida nos campos de Estudos Surdos e dos Estudos Culturais britânicos. Como diz Lulkin (2000), a sociedade majoritariamente ouvinte produz os espaços de poder que os termos “surdo” e “surdez” adquirem aos diferentes períodos históricos.

Em sua pesquisa de mestrado, Dall’Alba (2013) teve como objetivo analisar a luta dos movimentos surdos e a resistência da língua de sinais, que vêm articulando a importância de valorizar essa língua. Para isso, ela se filiou aos Estudos Culturais e aos Estudos Surdos, de modo a analisar a luta em prol do reconhecimento da Libras como uma língua própria dos surdos e como uma forma de comunicação; o que aconteceu com o advento da lei 10.436/2002. É possível entender a importância da língua de sinais com a qual a comunidade surda se preocupa, especialmente em relação a crianças surdas, porque sabemos que ela precisaria ser compreendida como a primeira língua dos surdos. Caldas (2012, p. 140) menciona que a Libras deve ser a primeira língua de surdos. Segundo ela,

A Libras deve ser a primeira língua a ser ensinada aos surdos, pois esse direito lhes é concedido pelo Decreto 5262, de 22 de dezembro de 2005. Além disso, a Língua de Sinais é o meio natural que a criança surda dispõe para internalizar conhecimentos. (CALDAS, 2012, p. 140).

Dall’Alba (2013) mostrou que o resultado da luta do movimento surdo foi positivo, pois contribuiu com a construção de uma política que passou a pautar a educação de surdos na contemporaneidade. Sua análise se deu em quatro pontos de materialidade: Documento “Educação que nós Surdos Queremos” de 1999; Projeto de Curso Letras/LIBRAS; Lei 10.436 e Decreto 5.626; e Movimento Escola Bilíngue para Surdos.

Os Estudos Culturais foram nas últimas três décadas extremamente úteis e inspirados dos estudos surdos em educação, pois ao partir da centralidade da cultura, permite pensar os surdos a partir de suas práticas culturais e elos estabelecidos historicamente entre semelhantes. Conforme escreve Hall (1997, p. 2), a “cultura não é tanto um conjunto de coisas – novelas, pinturas, programas de TV e revistas em quadrinhos – mas um processo, um conjunto de práticas”. Conforme Fabris (1999, p. 48),

“é o uso que fazemos das coisas, do que dizemos, pensamos e sentimos sobre elas – como nós as representamos –que constitui o processo de significação”. Portanto, meu interesse em conhecer as representações que circulam no Facebook na atualidade permitem que eu perceba como os surdos estão constituindo-se culturalmente por meio das representações que fazem da língua de sinais. As representações sobre a língua de sinais que circulam no Facebook mostram o quanto são dinâmicas e potentes as construções sociais.

4 O FACEBOOK COMO ESPAÇO VIRTUAL DE ENCONTRO SURDO

Meu propósito, inicialmente, era investigar as representações da Libras dentro da comunidade surda e, mais especificamente, em sites publicados na internet, que possuem conteúdo público. Posteriormente, foi-me sugerido pela banca deter-me em uma rede social em específico, o Facebook, pois não teria condições de abordar e desenvolver minimamente as sutilezas que caracterizam distintas redes sociais. Escolhi o Facebook por que entendo que ele compreende um conjunto de *mídias tecnológicas sociais*. As mídias tecnológicas sociais

São sistemas projetados para possibilitar a interação social a partir do compartilhamento e da criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos. Eles possibilitaram a publicação de conteúdos por qualquer pessoa [...]. (KAPLAN; HAENLEIN apud GOETTERT, 2014, p. 45).

Baseado neste conceito, inspirei-me para buscar em minha pesquisa parâmetros de análises comparativas das representações dos surdos sobre a língua de sinais em redes sociais como o Facebook. Neste âmbito, busco grupos e páginas (*fanpages*) hospedadas no Facebook que tenham acesso aberto ou livre para fazer minhas análises. Há uma grande quantidade de informações que circulam nessas redes, permitindo aos seus usuários interagir e trocar experiências uns com os outros. Também é importante dizer que cada vez mais é mais fácil estar conectado e se comunicar, pois mais pessoas usam aparelhos celulares e mais lugares disponibilizam redes WiFi.

Essas redes de fácil acesso hoje, aliadas ao baixo custo de aparelhos móveis de comunicação remota (celular, tablet, notebook etc.), fizeram com que a comunicação entre surdos se popularizasse, ou seja, as promoções de planos de dados das operadoras de telefonia móvel, o baixo custo de celulares com recursos mínimos para uma comunicação em vídeo ou fotos, tudo isso foi de grande benefício para a comunidade surda brasileira, que pode se comunicar de forma integral com surdos de outras cidades, estados e países. O Facebook, nesse sentido, tem se configurado como um espaço virtual de encontro surdo.

Observando este fenômeno, alego a importância de uma análise das representações da comunidade surda sobre a língua de sinais bem como entender melhor a função das redes sociais para a divulgação da Libras e da cultura surda. Dessa forma, passo a melhor definir os contornos metodológicos de minha pesquisa.

Atualmente os surdos se encontram nestes espaços, nas associações, mas agora com mais força através das redes sociais como o Facebook. E este é meu foco neste texto, pois se é moda, mania, seja o que for, de fato é um espaço que tornou-se importante na vida de muitos surdos, ao menos daqueles que estão conectados. (RAMOS, 2011, p. 2).

Segundo Ramos (2011) mostra que a força da comunidade surda tornou um espaço dos surdos cada vez mais dentro no Facebook como o ponto de conectar a comunicação virtual que eles possam facilitar uma comunicação mais acessível entre outros surdos através dentro do Facebook, que eles pode ter uma comunicação via webcam, anunciar eventos visuais, em qualquer momentos ter contatos utilizando a língua de sinais entre as pessoas surdas ou ouvintes que são usuários de língua de sinais independentes das distância entre cidades, estados e países.

O Facebook foi fundado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. A criação do site foi inicialmente limitada pelos fundadores aos estudantes da Universidade de Harvard. O Facebook é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada do Facebook, Este termo é composto por *face* (que significa cara em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de Facebook pode ser “livro de caras”. E também é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo banners e grupos patrocinados. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita para membros de uma mesma rede ou amigos confirmados, ou pode ser livre para qualquer um.

O Facebook possui várias ferramentas, como o mural, que é um espaço na página de perfil do usuário que permite aos amigos postar mensagens para ele ver. Ele é visível para qualquer pessoa com permissão para ver o perfil completo, e posts diferentes no mural aparecem separados no “Feed de Notícias”. O “Face”, como é mais conhecido, possui também aplicativos, com os mais diversos assuntos, e eventos, onde a pessoa pode convidar todos seus amigos para um determinado evento. Existem versões diferentes do Facebook para telefones celulares e smartphones, que facilitam a visualização e acessibilidade do usuários.

Figura 1: Facebook



Fontes: <https://www.facebook.com>

Para construção do material de análise a partir do Facebook, busquei por publicações (*posts*) e comentários, seja em forma textual (língua portuguesa escrita) ou em vídeo (Libras) que me permitiam observar os sentidos dados pelos surdos para a língua de sinais. Procurei pelos *posts* públicos no Facebook. A escolha dessa plataforma deve-se à crescente inserção e interação da comunidade surda nesses ambientes virtuais, e também se justifica pela rápida disseminação da informação dentro da comunidade surda. Sendo fiel ao meu problema de pesquisa e a uma possível resolução, busquei avaliar em qual contexto os termos “Libras”, “Língua Brasileira de Sinais” e “língua de sinais” (e sua abreviação, “LS”) foram inseridos e qualificados. Por intermédio desse contexto, procurei pelo sentido do termo na frase, assim, definindo para cada frase uma palavra que defina a representação da Libras, encontrada a palavra que a melhor defina, usei em outras frases o mesmo método até obter um número expressivo de palavras para então as dividir em grupos de palavras que norteiam minha análise, para enfim dialogar com autores acerca dos resultados encontrados em minha pesquisa.

A escolha das redes obedeceu a dois critérios: a quantidade de pessoas participante de cada grupo ou página e sua importância dentro a comunidade surda. Nesse sentido, foquei em alguns grupos e *fanpages* de discussão no Facebook, tal grupo foi escolhido devido a grande quantidade de membros (surdo e ouvintes) e suas discussões a

cerca de temas diversos pertinentes a comunidade surda, para isso irei analisar não todos os vídeos do grupo, mas os vídeos que os norteiam, vídeos criados por seus idealizadores, onde mostram suas regras e objetivos. Para este, a coleta de dados foi feita da seguinte forma: ao visualizar os dois vídeos de descrição do grupo/página, observei quando o termo *Libras* ou *língua de sinais* foi usado pelo sinalizante, então fiz um recorte da frase e a postei em uma tabela, para a análise de seu contexto. Esse procedimento foi feito toda vez que o termo em questão era identificado nos dois vídeos.

Após feita toda a coleta do material, passei a analisa-lo, como forma de organização das informações, usei o seguinte quadro:

Quadro 1: Contexto dos sites

Apresentação do material	Quem o mantém? Associação, federação, comunidade?	Quando aparece a referência a Libras o que está escrito?	Palavra que diz o que é a Libras ou o que o povo surdo diz dela	Palavras que possuem mais ou menos o mesmo sentido. Unidade de análise composta por várias enunciações sobre o que representa a Libras
--------------------------	--	--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa tabela foi a tabela de coleta e breve sistematização dos dados para a análise. Importa dizer que não fiz uma análise exaustiva de cada espaço virtual selecionado no Facebook, nem mesmo analisei o conteúdo de cada um deles. Meu objetivo foi extrair deles representações recorrentes que mostrem como a língua de sinais tem sido significada e quais significados para as lutas surdas.

Finalizada as classificações em tabelas, dei início à análise dos resultados obtidos, de maneira a dialogar com os autores da revisão bibliográfica, ao objetivo para conseguir resultados para meu problema de pesquisa.

Quadro 2: Facebook

QUADRO 1	QUADRO 2	QUADRO 3	QUADRO 4	QUADRO 5
O presente grupo destina-se à proporcionar um espaço em Libras para serem abordados temas do dia a dia, da atualidade. A língua oficial do grupo é a Libras, sendo assim envie vídeos com suas ideias, apresentações, temas para debates/discussões.	Facebook “Grupo A Sociedade em Libras” O grupo foi criado pela comunidade surda.	LIBRAS aprendendo sobre informações e conhecimentos dentro do grupo.	Divulgação	
		Cada vez mais positivamente com a Libras.	Movimento	
		Sobre a Libras como também pode ser escrito ou traduzido em Libras.	Comunicação	
		Libras é público?	Liberdade	
		Melhor sinalizar em Libras.	Comunicação	
		Usando vídeos em LIBRAS.	Visual	
		A Libras é o objetivo principal de que os surdos mais se esclarece melhor.	Informação	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os usuários surdos e ouvintes trocam importantes informações, tiram dúvidas, fazem trocas de ideias e entre outros conhecimentos sobre a língua de sinais, entre outras cidades de todo Brasil, sobre a importância da língua de sinais e da Libras, além de discussões sobre o povo surdo, e sobre as lutas desenvolvidas em prol do conhecimento de si e da valorização da língua de sinais. Importa a eles adquirir, diariamente, novas informações e conhecimentos de novos sinais sobre a importância da representação surda e da língua de sinais, recentemente, no Facebook. As informações visuais, o contato com uma nova comunicação e o estímulo dos surdos, principalmente através de vídeo-chamadas ou uma postagem em vídeos que valorizam a utilização da língua de sinais como representante dos surdo e que produzem sua autonomia.

A língua de sinais é, para alguns, a primeira língua, que faz o surdo se reconhecer como sujeito social e enunciador efetivo, embora não haja para todos os surdos as mesmas condições de acesso e desenvolvimento linguísticos. (ARCOVERDE, 2006, p. 257).

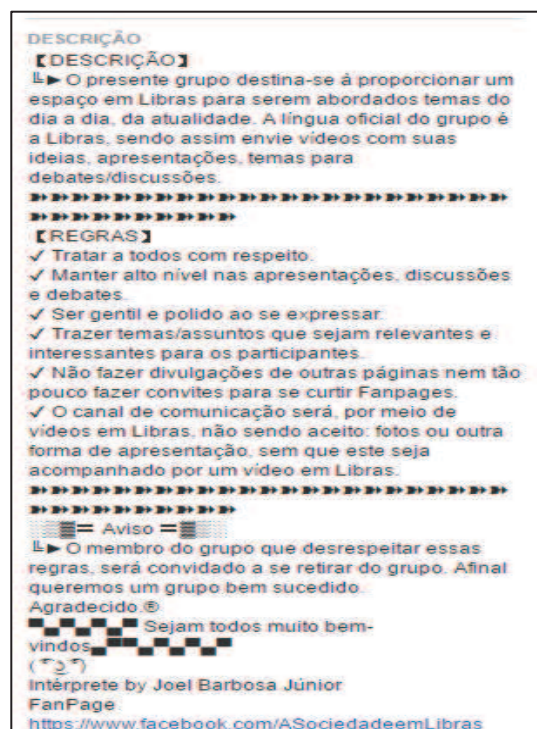
Figura 2: Grupo no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1627077764235022/videos/>

Essa descrição mostra sobre as regras em um dos grupos para que se possa discutir a respeito da língua de sinais, como postagens de vídeos, tudo em Libras, para que os surdos e os surdos com baixa visão que possam esclarecer melhor as informações a respeito da língua de sinais e a estrutura do vídeo pra ter mais acessível. O que quero mostrar aqui no quarto abaixo é um texto com as regras do administrador sobre o que podemos fazer dentro do grupo público que proporciona um espaço em Libras do grupo como serem abordados no dia a dia dentro da rede social como o Facebook.

Figura 3: Descrição de um grupo no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1627077764235022/>

Pretende-se saber como é a relação desses surdos com o vocabulário desconhecido. Como eles fazem com as palavras que surgem, no meio de uma leitura e que carecem de significação para o sujeito? Eles simplesmente passam pela palavra e continuam lendo o texto? Ou eles perguntam a um familiar? Ou ainda a um intérprete de língua de sinais? Existe, ainda, a possibilidade de perguntar aos próprios surdos que têm um conhecimento maior da língua portuguesa, há um grupo no Facebook com o objetivo de esclarecer dúvidas dos surdos. (GOETTERT, 2014, p. 55).

É importante que diariamente como novas informações utilizando o auxílio no grupo publico com a nova leitura e estímulo para que o surdo desafia mais a autonomia do crescimento da leitura e escrita como a língua de sinais e a língua portuguesa que se esforça com a leitura do texto e a relação que o próprio surdo pode ter um conhecimento maior e esclarecer duvidas ao próximos surdos.

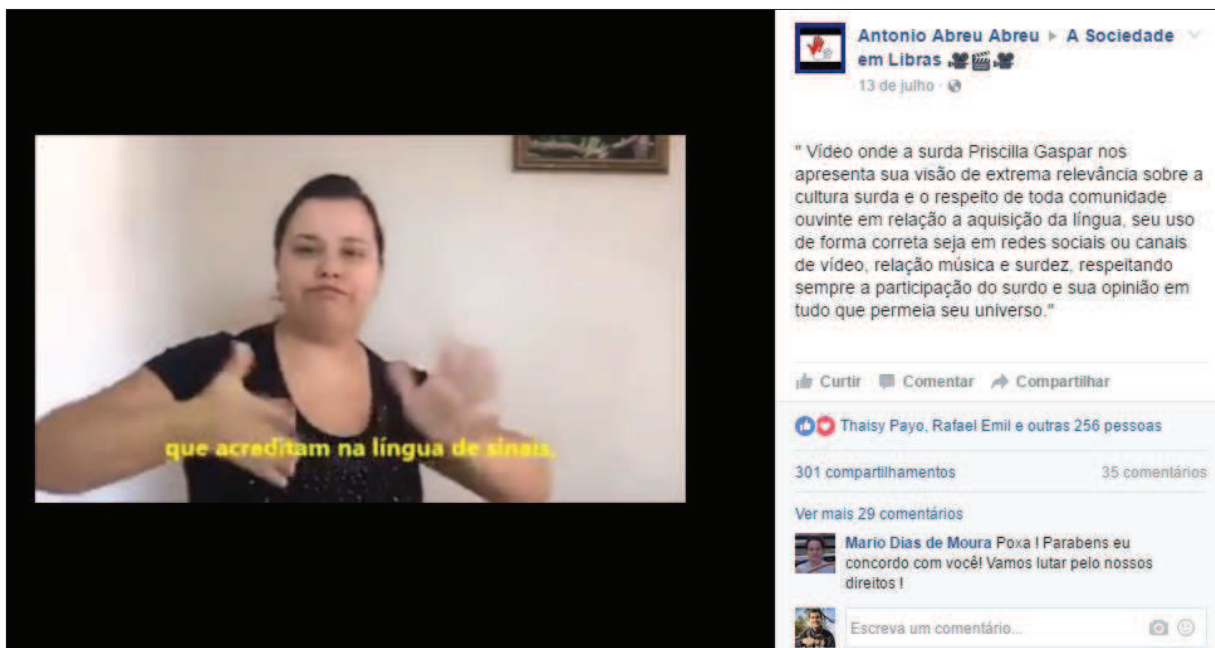
5 LÍNGUA DE SINAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO FACEBOOK

As línguas envolvidas no cotidiano das crianças surdas, ou seja, a língua de sinais brasileira e o português no contexto mais típico no Brasil, fazem parte de um contexto educacional e da vida dos surdos fora da escola [...]. As representações que as línguas desempenham na escola e na vida dos surdos passam a ser refletidas dentro de uma perspectiva surda. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 18).

Quando há possibilidade de compartilhamento entre surdos seja em língua de sinais ou português escrito, há o desempenho de representações por parte desses sujeitos. Nesse sentido, a possibilidade de comunicação entre surdos no Facebook tem permitido a constituição de um conjunto de representações sobre a língua de sinais. Essas representações ensinam surdos e ouvintes a verem a língua de sinais de uma determinada forma, e fortalecem a visão do que essa língua significa para a comunidade surda.

Deste modo, selecionei publicações, postagens públicas feitas por surdos, no formato de textos em português e também alguns vídeos em Libras, no site da rede social Facebook. Aproveita-se, dessa forma, mais o crescimento do conhecimento da sociedade sobre o povo surdo, sobre a importância da representação surda e o que essas representações significam acerca da importância da língua de sinais como uma forma da comunicação espacial visual e do empoderamento surdo.

Figura 4: Vídeo do grupo no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/Abreulibras/videos/1262042930472809/>

Quadro 3: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras

[6:24] ...Usuárias da língua de sinais, com a cultura e identidade própria...
 [6:06] ...a partir do momento que acreditam na Língua de Sinais, cultura e identidade surdas...
 [1:29] ...Se não lutarmos agora, a nossa língua, a Língua de Sinais pode se acabar...
 [0:30] ...Agora é tempo de lutar e acabar com isso. Nós somos donos da Língua de Sinais, para proteger e defender a Língua de Sinais...

Fonte: Elaborado pelo autor.

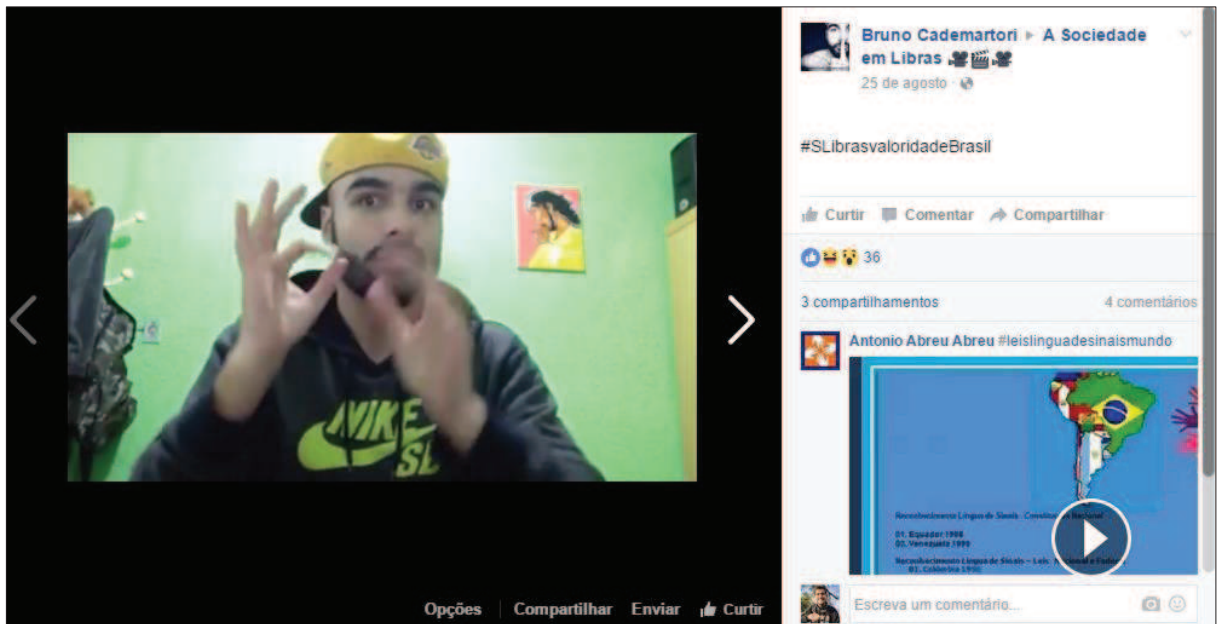
A imagem (figura 4) compreende um vídeo de uma surda que argumenta sobre a importância da língua de sinais e da Libras, como a língua de sinais que representa os surdos. Ela ressalta a importância da representação dos surdos em comunidade e na relação com ouvintes, bem como acerca da aquisição dessa língua e que ela precisa ser respeitada nas redes sociais ou em canais de vídeo. Trata-se de um depoimento relatando a importância e o respeito da comunidade surda e dos ouvintes em relação à tradução de músicas para a língua de sinais.

O fato com toda a minha argumentação sobre as representações do vídeo em cima aparece que ela resiste a luta dos valores da língua de sinais, da cultura surda e da identidade surda como uma persistência de representar a língua de sinais dentro da sociedade, como uma forma de comunicação que possibilita a utilização da língua de sinais.

“A língua de sinais abre vários caminhos para os surdos e permite que as diferentes identidades desses sujeitos movimentam-se conforme sua opção de vida”. (DALL’ALBA, 2013 p. 68).

Tem o papel fundamental que valoriza a representação da língua de sinais, cultura e identidade por narrar a história dos surdos entre a comunidade surda. Por isso os surdos representam a língua de sinais como uma forma de empoderamento surdo, que é significado como uma maneira de abrir vários caminhos, um sentido conforme mostra Dall’Alba (2013), cujo trabalho sustenta minha percepção, nesta dissertação, de como os surdos entendem uma representação da língua de sinais entre a possibilidade em um grupo no Facebook com o objetivo de esclarecer dúvidas dos surdos.

Figura 5: Vídeo do grupo no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/bruno.cademartori/videos/g.1627077764235022/1777062859237744/?type=2&theater>

Quadro 4: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras

[3:16] ...o país como a Itália lutou bravamente com a valorização da língua de sinais, com a força da comunidade surda italiana...

[2:56] ...eu me sinto orgulho do nosso país porque os outros países veem o Brasil como uma força de empoderamento surdo e da comunidade surda com a comunicação da língua de sinais pura...

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa imagem (figura 5) é de um vídeo publicado em um grupo público do Facebook em que um surdo conta que, no mundo inteiro, há uma valorização do Brasil no sentido de que o país tem uma forte riqueza de valorização da língua de sinais, diferentemente de outros países. No caso, ele se refere ao reconhecimento da lei da Libras e à resistência surda brasileira usando a língua de sinais como língua própria.

Percebo, ao observar o vídeo, que o surdo relaciona o fortalecimento da língua de sinais do nosso país como o reconhecimento da Libras, que vem estimulando visualmente a forma de comunicação dentro da própria comunidade surda. É isso que eu relaciono à percepção de uma representação surda sobre a língua de sinais como uma autonomia de pensar, mais especificamente, que se refere à visão do próprio surdo como uma minoria cultural em que a interação em qualquer espaço é fortalecida pela comunicação visual.

Além disso, por experiência pessoal prévia, notou-se que os surdos têm usado o *Facebook* para compartilhar conteúdos em vídeo, por ser a forma mais rápida de compartilhamento. Mas, esse seria o único local em que eles buscam informação? Qual a importância da busca do conhecimento on-line, em relação à independência e à autonomia? (GOETTERT, 2014, p. 38).

O uso da língua de sinais no Facebook vem evoluindo muito no âmbito do compartilhamento de vídeos. Os surdos têm acesso a esses vídeos e fazem da rede social um espaço de encontro. Compreende-se, assim, a importância para a comunidade surda brasileira ou internacional, conforme escreveu Goettert (2014) sobre o vídeo ser a forma mais rápida que o surdo pode compartilhar informações em língua de sinais.

Figura 6: Vídeo do grupo no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/susuestrela/videos/g.1627077764235022/10209303983460809/?type=2&theater>

Quadro 5: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras

[1:00] ...sobre a pessoa Surda e DA [(deficiente auditiva)]...
 [0:55] ...Surdo puro utiliza a língua de sinais como subjetividade dentro de si próprio como a pura identidade surda...
 [0:48] ...DA tem uma cultura própria da oralização...
 [0:33] ...O Surdo mais avança com a língua de sinais e tem mais acessibilidade ao próprio mundo da comunidade surda entre os surdos e dentro da convivência surda se transforma uma força da resistência surda como identidade surda e língua de sinais como língua própria do próprio surdo que vem dentro de si...

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já nessa parte do vídeo (Figura 6), uma surda justifica sobre o que entende entre a diferença da pessoa Surda e DA (deficiente auditiva). Ela explica que no passado usava a oralização sem o uso da língua de sinais com a comunidade ouvinte. Ela mostrou que antes não tinha muito conhecimento acerca da língua de sinais, por não ter convivido no mundo dos surdos e sempre teve a convivência com a maioria ouvinte. Depois que entrou para a comunidade surda, ela percebeu que encontrou o próprio mundo na comunidade surda. A partir de então aprendendo mais coisas e buscando melhorias para si. A partir desse vídeo-depoimento, percebo uma representação surda sobre a língua de sinais que a significa como a transformação da descoberta do mundo dos próprios surdos, que tem, em sua comunicação visual, o sinônimo da identidade Surda, da cultura própria, da língua surda própria de uma minoria linguística.

Figura 7: Vídeo do grupo no Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/pg/ASociedadeemLibras/videos/?ref=page_internal

Quadro 6: Transcrição de excertos do vídeo-depoimento em Libras

[6:26] ...o Brasil é um país com muita possibilidade da grande influência da comunidade surda e da língua de sinais, que se mostra cada vez mais crescida...

[5:49] ...mostra que a maioria dos surdos são formados e graça à luta da língua de sinais como língua de representações que os surdos vêm lutando e facilitou muito a acessibilidade em vários lugares dentro e fora da comunidade surda, o próprio surdo tem a sua resistência, com a Libras que nunca desiste de lutar e de representar com persistência cada vez mais que lutou e luta em prol da própria língua...

[5:46] ...como professor de Libras dentro das universidades ou entre outras áreas com a língua de sinais e acessibilidades...

[5:36] ...graça a luta em prol a língua de sinais...

[5:33] ...um exemplo a ser seguido por outros países e para as comunidades surdas de vários países, e graças ao Brasil, que a maioria dos surdos tem força e a sua resistência surda em prol da língua de sinais, como uma minoria linguística e com o movimento surdo...

Fonte: Elaborado pelo autor.

Um surdo explica (figura 7) como o nosso Brasil é um país de futuro. Como ele mora fora, no Canadá, sempre observou que a língua de sinais é mais forte entre outros países, tendo acessibilidade surda neles. Dentre esses países, o Brasil, porque surdos brasileiros usam mais Libras como forma de comunicação e têm sua resistência surda na comunidade surda, em associações, federações e diferentes tipos de eventos.

“Historicamente o povo surdo brasileiro transmitiu muitas tradições em suas organizações das comunidades surdas, o espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos”. (STROBEL, 2008, p. 75)

A Libras, graça à luta persistente das comunidades surdas, como uma língua natural dos surdos que vem se organizando dentro da nossa comunidade, que possibilitou um pequeno grupo entre as pessoas surdas. Para os surdos terem se fortalecido como grupo, foi preciso preservar a sua resistência histórica de luta; o povo surdo brasileiro, nesse sentido, tem sido um exemplo a ser seguido de geração em geração.

Figura 8: Vídeo do grupo no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/rimar.r.segala/videos/g.1627077764235022/1071260776282709/?type=2&theater>

O surdo no vídeo mostrado na figura 8 comenta que a maioria dos surdos na terceira idade já vem lutando há muitos anos. Também faz uma comparação do passado com os dias de hoje, que são diferentes da época deles, dizendo que a luta é para o futuro das crianças surdas, para que não se desmache e a importância da língua de sinais para os jovens surdos de hoje. Ele diz que os Surdos devem seguir os passos dos surdos do passado que lutaram bravamente para que continuassem a representar a comunidade surda por meio da língua de sinais, como língua de uma minoria linguística, e levantar o autoestima dos outros surdos.

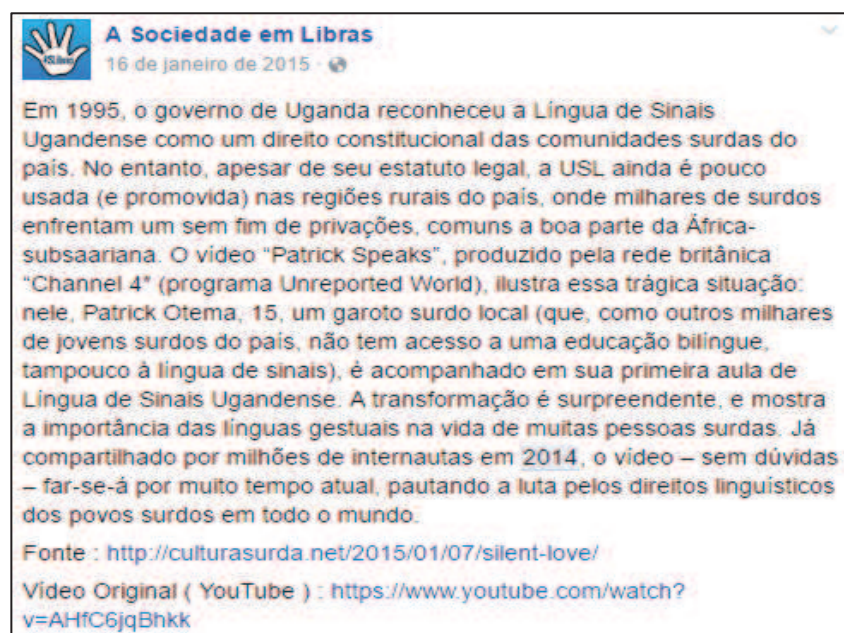
Figura 9: Grupo no Facebook_#SLibras



Fonte: A Sociedade em Libras ([2016]).

A imagem acima (figura 9) é de uma *fanpage* que está ligada a um dos grupos públicos selecionados para a coleta do material. O administrador do grupo a criou para possibilitar uma maior divulgação do conteúdo do grupo, de modo que se possa acessar, em outro espaço do Facebook, vídeos, imagens, entre outras publicações compartilhadas no grupo.

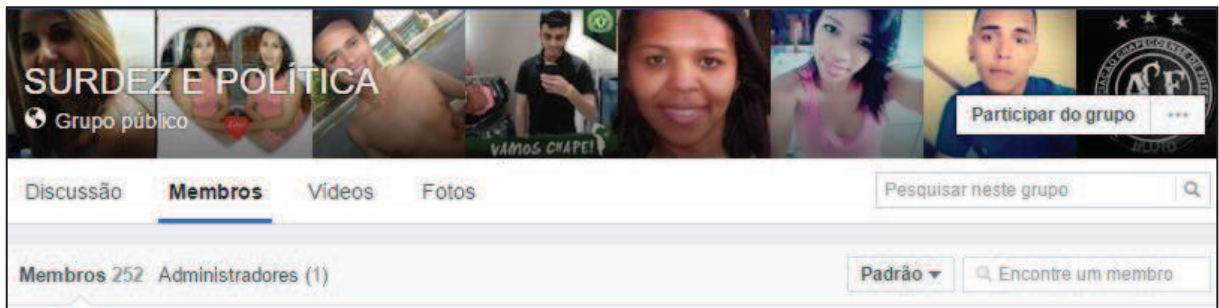
Figura 10: Publicação da fanpage no Facebook



Fonte: <facebook.com>.

Na figura acima (figura 10), uma publicação em uma *fanpage* divulga um vídeo em que se explica sobre Uganda ter reconhecido a importância da língua de sinais, e mostra como o surdo vem representando a sua própria língua e a sua cultura como a educação bilíngue em um acompanhamento da sua primeira aula de língua de sinais onde adquiriu a sua língua própria isso relata que a representação do surdo em adquirir a sua língua de sinais do povo surdo.

Figura 11: Grupos de Facebook – Surdez e Política



Fonte: Surdez e Política ([2016]).

Já que esse grupo (figura 11) tem mais informações sobre a importância da língua de sinais, ele também apresenta muita discussão sobre acessibilidade e outros assuntos, como questões de ordem clínica sobre o implante coclear (IC) que os surdos vêm colocando. Sobre essa questão, há um desabafo dos surdos sobre a importância do uso da Libras e da língua de sinais mesmo por parte de surdos implantados. Nestes desabafos vê-se com muita pressão e arrependimento o IC, uma vez que tentam sustentar a ideia de que o que mais facilita a vida dos surdos é a língua de sinais, uma forma de se comunicar e uma língua que representa a comunidade surda.

Figura 12: Visual da fanpage Comunidade Surda



Fonte: Comunidade Surda (2016).

Na *fanpage* mostrada na imagem acima (figura 12), vê-se que os surdos participam de associações de surdos ou de escolas, bem como realizam diferentes tipos de lazer em vários espaços sociais. Evidencia-se, contudo, que alguns grupos ou páginas de Facebook se constituem como grupos do movimento surdo, da luta por uma causa, pelo direito de ser surdo e de promover sua cultura e o respeito à língua de sinais.

Figura 13: O mundo Deaf



Fonte: Comunidade Surda (Deaf) LIBRAS ([2016]).

Na imagem do grupo acima (figura 13), observa-se que os surdos buscam por outros surdos entre os países que tenham a língua de sinais e que consideram a língua do

“mundo surdo”. Os que são capazes de se comunicar com surdos estrangeiros, procuram por informações sobre as línguas de sinais oriundas de outros países, compartilhando aspectos da cultura e da Libras na forma de depoimentos surdos e de ideias para fortalecer a valorização da língua de sinais.

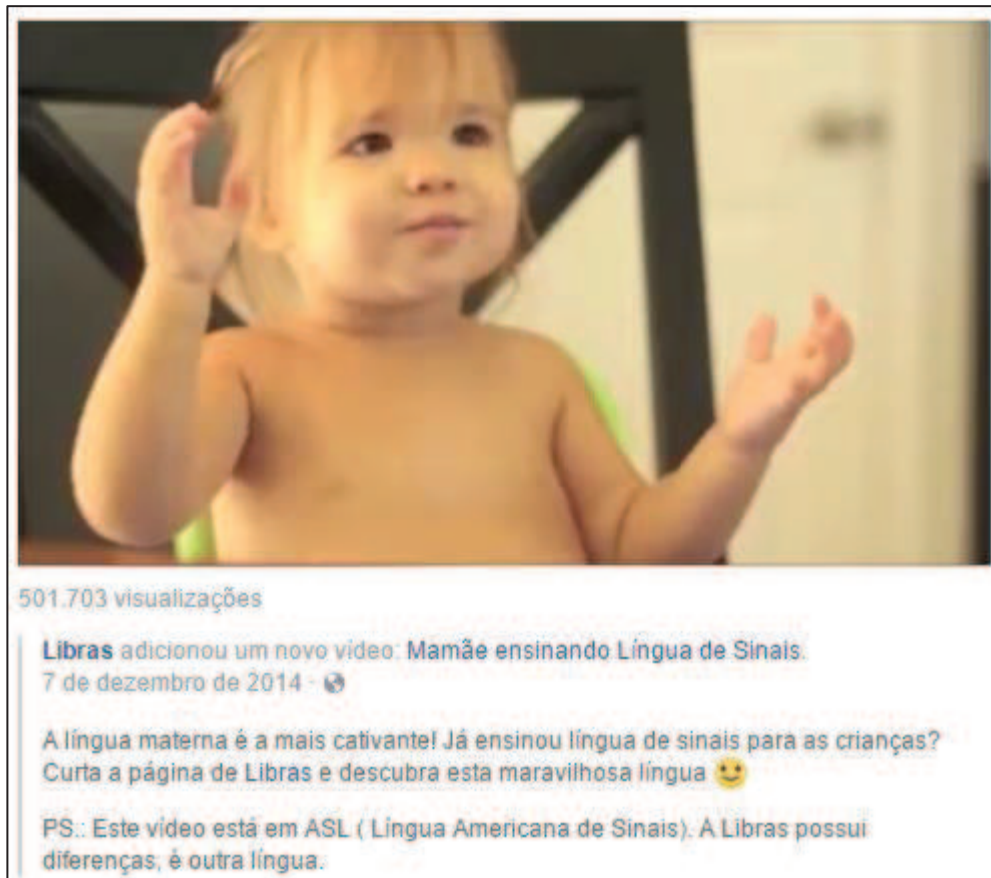
Figura 14: Usuário da comunicação em Libras



Fonte: Comunica LIBRAS ([2016]).

O grupo Comunica LIBRAS (figura 14) é um grupo que publica informações sobre a Libras e a língua de sinais pra que a comunidade surda obtenha maiores informações, entre os demais grupos e *fanpages*. Esse grupo tem vários vídeos em Libras.

Figura 15: Criança surda



Fonte: <https://www.facebook.com>

A imagem acima (figura 15) é de um vídeo publicado no Facebook que mostra a comunicação de mãe e filha americanas. A comunicação entre as duas acontece em língua materna. Um vídeo bem interessante que evidencia como as crianças surdas são capazes de entender a comunicação entre seus pais através dos sinais e da língua de sinais; por isso assim há uma representação da criança entre os pais surdos.

“O povo surdo debate muito sobre identidade cultural nos casos de filhos surdos de pais surdos, fazendo com que muitos deles também aspirem ter filhos surdos isto é considerado natural pela comunidade surda”. (STROBEL, 2008, p. 62).

Figura 16: Comunicar Língua de Sinais



Fonte: <https://www.facebook.com/JonathanAlvez?fref=ts>

A imagem acima (figura 16) é de uma publicação pública de um surdo. Nela, ele relata que, embora muitos possam não o conhecer em sua cidade, ele tem um modo de ser surdo, já que a população de sua cidade pensa que a língua de sinais utilizada pelos surdos é uma mímica. A indignação do surdo está relacionada à mostrar que ele tem uma forma de comunicar em língua de sinais, que possui sua própria gramática.

Enfim, após a reunião das representações acima expostas, entre outras que compõem o Facebook, mas que são difíceis de serem trazidas para a Dissertação, pois estão em língua de sinais, permitem entender a língua de sinais como símbolo de resistência surda, como marca surda, como símbolo de identificação cultural e de conquista surda. A verdade que se fortalece é que a língua é ameaçada porque os ouvintes querem acabar com os surdos. As vezes, a língua de sinais vem marcada pela ameaça de extermínio cultural surdo e quase sempre vem acompanhada de um espírito festivo de uma diferença.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesse estudo, com as coletas de dados através do vídeos, textos e imagens públicas nas páginas e grupos do Facebook que foram selecionadas por mim, depreendeu-se a importância da língua de sinais, que os surdos vem se representando, a força de valorização com o conhecimento de representar, a língua de sinais e a Libras, de uma forma de comunicação, de novas buscas em empoderamento, representação surda. Isso tudo aparece em muitos comentários, por meio de curtidas e trocas de informações. O que garante que a possibilidade da língua de sinais colabora com o desenvolvimento dos surdos.

A língua de sinais possibilita as representações da comunidade surda e do próprio surdo que se sente orgulhoso de ser representado com a língua de sinais no Facebook. Nos grupos e nas *fanpages*, percebe-se a importância que os surdos vêm atribuindo à busca de novas experiências do ser surdo e da língua própria dentro de si mesmo e, às vezes, os surdos se sentem desenvolvidos e seguros com as representações dos surdos mais velhos, que ocupam uma posição de ser o grande exemplo a ser seguido, de luta para a importância da língua de sinais do próprio surdo ou da comunidade surda.

Através dos materiais, percebo que a maioria dos jovens surdos usuários da Libras que participam dos espaços virtuais selecionados no Facebook possibilitam a comunicação entre surdos em língua de sinais. Eles têm gerado mais contato entre eles, para conseguirem se esforçar e buscar mais tecnologias nessa rede social, a partir do uso de mídias audiovisuais em que seja possível registrar a língua de sinais, como também por meio de aplicativos on-line de conversação dentro do Facebook.

Então os surdos se sentem de uma forma mais segura dentro da rede social Facebook, tendo a língua de sinais que pode garantir uma forma de representação para os outros surdos com sua autoestima e que os surdos se sentem mais confiantes e mais seguros com a capacidade de representar a língua de sinais dentro dos diferentes espaços do Facebook, garantido a acessibilidade visual com outros surdos.

REFERÊNCIAS

ALBA, Carilissa Dall'a. **Movimentos surdos e educação**: negociação da cultura surda. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 251-267, maio/ago. 2006.

BRITO, Fábio B. de. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122013-133156/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE; Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, ed. esp., n. 2, p. 71-92, 2014.

COSTA, Sergio. **Dois Atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FABRIS, Eli Terezinha Henn, Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola. 1999. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

GOETTERT, Nelson. **Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita**. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade dos Vale do Rio Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200013>. Acesso em: 06 jun. 2016.

KLEIN, Madalena. Movimentos surdos e os discursos sobre surdez, educação e trabalho: a constituição do surdo trabalhador. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 24., 2001, Caxaumbú. **Anais...** Caxaumbú: ANPED, 2001.

KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**. São Paulo: Delta, 1999.

LADD, Paddy; GONÇALVES, Janie. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, v. 24, n. 3, p. 81-100, jul./dez., 2006.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2004.

_____. **O ser e estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, Fabricio Mahler. **Os surdos e o Facebook**: a comunidade surda em rede. 2011. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Os Estudos Culturais e os Currículos) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTI, Heloise; SANTI, Vilson. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, a. 2, e. 1, p. 1-12, set./nov., 2008.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2009.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.